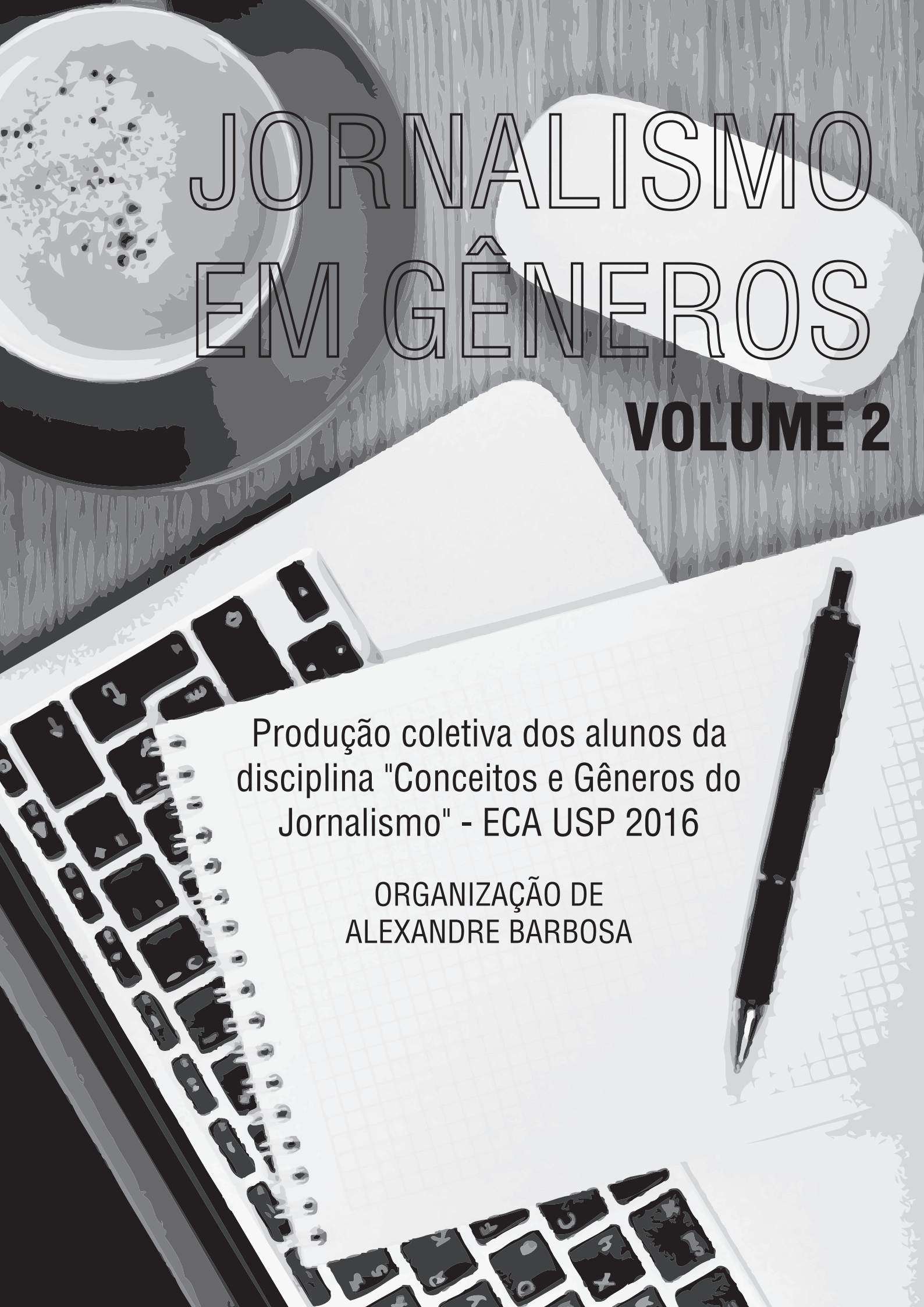


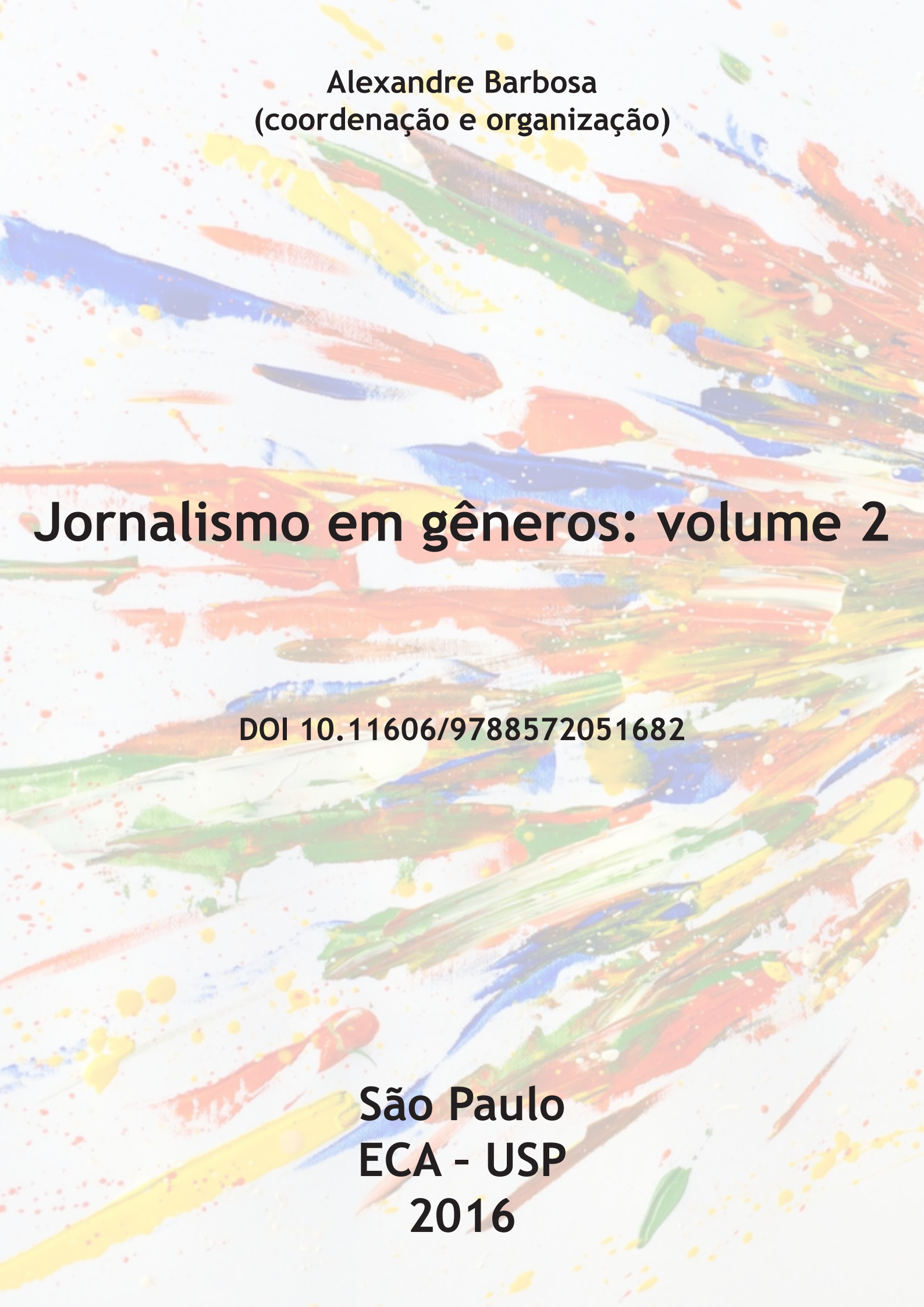


JORNALISMO EM GÊNEROS

VOLUME 2

Produção coletiva dos alunos da
disciplina "Conceitos e Gêneros do
Jornalismo" - ECA USP 2016

ORGANIZAÇÃO DE
ALEXANDRE BARBOSA



Alexandre Barbosa
(coordenação e organização)

Jornalismo em gêneros: volume 2

DOI 10.11606/9788572051682

São Paulo
ECA - USP
2016

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

J82b Jornalismo em gêneros: volume 2 / coordenação e organização Alexandre Barbosa -- São Paulo: ECA/USP, 2016. 84 p.

ISBN 978-85-7205-168-2
DOI 10.11606/9788572051682

1. Jornalismo - Brasil
2. Gêneros jornalísticos I. Barbosa, Alexandre

CDD 21.ed. - 079.81

Jornalismo em Gêneros: volume II. Universidade de São Paulo, 2016. Todos os direitos reservados.

Coordenação e organização

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Jornalismo em Gêneros

Uma obra dos alunos do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a disciplina Conceitos e Gêneros de Jornalismo. Álvaro Logollu Neto, Amanda Panteri, Anderson Gomes, Artur Zalewska, Bruno Kristoffer, Carina Brito, Carla Camila, Carolina Marins, Catarina S. Ferreira, Danielle Costa, Diogo Magri, Erik Higaki, Fernanda Giacomassi, Gabriel Campos, Gabrielle Yumi, Giovana Salles, Giuliana Viggiano, João Victor Cardoso, João Paulo Almeida, José Paulo Mendes, Leticia Fuentes, Mariana Gonçalves, Mariana Mallet, Marina Fornasier, Mateus Lucena Feitosa, Matheus Lopes Cardoso, Nara Siqueira, Natália Belizario Silva, Natasha Firma, Nelson Niero Neto, Regina Santana, Victória Damasceno, Vinícius Sayão.

Revisão

Anderson Gomes, Danielle Costa, Fernanda Giacomassi, Giuliana Viggiano, Nelson Niero Neto, Laís Ribeiro.

Projeto gráfico e diagramação

Amanda Panteri, João Victor Cardoso, José Paulo Gomes, Natasha Firma, Regina Santana, Vinícius Sayão.

Capa

José Paulo Mendes

Sumário

Apresentação	6
Gênero informativo na TV	9
Gênero informativo no rádio	13
Gênero opinativo	17
Crônicas	29
Metalinguagem	30
Jornalismo	38
Perguntas	49
Decisões	55
Amor	59
Política	63
Relações Familiares	68
Tecnologia	76
Morte	81
Referências Bibliográficas	84

Apresentação

Ainda é possível acreditar no Jornalismo

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Professor Doutor da ECA-USP no Departamento de Jornalismo e Editoração, responsável pelas disciplinas “Conceitos e Gêneros Jornalísticos” e “Laboratório de Jornalismo Impresso” (Jornal do Campus)

O ano de 2016 foi intenso. Circula nas redes sociais a piada sobre a tarefa hercúlea que seria fazer a retrospectiva deste ano. Porém, mais do que o volume, serão as características dos fatos que devem dificultar o processo de seleção e construção das notícias. E, entre estes fatos, não faltaram os relacionados à própria mídia: demissões, coberturas polêmicas, fechamento de veículos ou editorias e a participação dos meios de comunicação nos processos políticos tanto do Brasil como do mundo.

Essas notícias do universo jornalístico também estiveram presentes nas falas dos convidados que, durante o segundo semestre de 2016, participaram das entrevistas coletivas que farão parte do Volume II da coleção “Jornalismo em Gêneros”. Todos os jornalistas que foram entrevistados pela turma da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo, componente curricular do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, abordaram algum aspecto do momento conturbado do jornalismo brasileiro: das exigências desproporcionais para os estagiários, passando pelo encolhimento das redações, pela estreita ligação entre critérios de noticiabilidade e índices de audiência até a criação de novos mercados de trabalho para a grande quantidade de jornalistas que se formam anualmente.

Como um dos objetivos da disciplina Conceitos e Gêneros é a produção desta coleção de livros que faça pontes entre as pesquisas acadêmicas e a realidade do mercado jornalístico, este segundo volume pretende trazer contribuições no aspecto da empregabilidade. Tanto que uma das coletivas teve como tema as frentes de trabalho da assessoria de imprensa e da construção de conteúdos corporativos com as profissionais Virgínia Garbin, assessora de imprensa do Grupo Record, e Ana María Correa Rodríguez, planejadora de conteúdo da empresa Odiseo. Na divisão clássica dos gêneros jornalísticos, a produção de releases e conteúdos corporativos pode se inspirar no gênero informativo, porém um release e uma notícia não podem ser classificados e estudados da mesma forma, a começar pela fonte de interesse que gerou cada uma dessas produções.

Este livro não pretende aprofundar esta discussão (recomenda-se a leitura dos artigos e livros mais recentes do professor Manuel Carlos Chaparro que traz interessante debate sobre as notícias que circulam atualmente terem quase sempre, na sua origem, alguma instituição com interesse específico nesta divulgação), mas colaborar no debate do que proporciona, à produção jornalística, a migração dos profissionais da redação para as assessorias ou direto dos bancos universitários para atuar na comunicação institucional.

Neste volume, os gêneros jornalísticos foram debatidos em mídias específicas: na televisão com a entrevista de Adriana Mabília, especialista em Jornalismo Internacional com passagens pelas TVs Cultura, Record e Globo; e no rádio, com coletiva de Frank Fortes, repórter, apresentador e comentarista do Grupo Bandeirantes de Rádio.

A mídia contra-hegemônica, na qual os gêneros interpretativo e opinativo são essenciais para sua estratégia de contraposição ao processo de seleção e construção das notícias da imprensa contra-hegemônica foi representada por Ana Flávia Marx, do coletivo Barão de Itararé, por Evelin Fomin, militante e blogueira feminista e por Vania Correia, da Revista Viração.

Além das entrevistas e perfis destes jornalistas, o livro traz uma seção de crônicas feitas pelos alunos da disciplina como frequente homenagem a esse gênero tão tradicional do jornalismo optativo brasileiro.

Se o saldo da retrospectiva de 2016 pode ser negativo, dada a quantidade de notícias tristes nos diferentes campos da sociedade, o saldo das coletivas é de esperança nas novas gerações de jornalistas, não só por serem forjados nestes tempos conturbados o que, no linguajar das redações deixa as “cascas mais grossas”, mas, principalmente, por terem a criatividade necessária de buscar novos mercados, novas linguagens e novos formatos de construir notícias.

Que a leitura possa manter aquecida a fé no jornalismo.

O jornalismo ainda é possível

Ciclo de palestras na Escola de Comunicação e Artes discute diferentes visões a respeito da profissão



Durante o 2º semestre de 2016, os discentes da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo, ministrada pelo professor Dr. Alexandre Barbosa, receberam, em um ciclo de palestras, profissionais das áreas de telejornalismo, rádio, assessoria de imprensa e mídias alternativas. A proposta dos encontros foi simular coletivas de imprensa para que os alunos exercitassem os conceitos aprendidos em sala, criando perguntas e interagindo com os convidados. Cada palestrante compartilhou suas experiências no campo da comunicação e, com isso, colaborou para ampliar a visão dos estudantes quanto às diferentes possibilidades de trabalho na área.

A jornalista e escritora Adriana Mabília abriu o ciclo de encontros, discutindo o gênero jornalístico informativo na televisão. Ela contou sobre sua trajetória como editora de internacional no Jornal Hoje, da emissora Rede Globo, e destacou a complexidade da cobertura de notícias estrangeiras, enfatizando a importância do correspondente internacional nesse que costuma ser um segmento muito pautado pelo que é produzido nas grandes agências de notícias. Durante sua fala, Mabília também descreveu o processo de produção do seu livro *Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto*, publicado em 2013 pela editora Civilização Brasileira.

No campo da comunicação empresarial, Virgínia Garbin, assessora de imprensa da TV Record, demonstrou, durante a segunda palestra do ciclo na

ECA, como um profissional capacitado para o gerenciamento de riscos de imagem pode salvar a carreira de uma personalidade pública ou da própria empresa. A partir de estudos de casos recentes, Garbin diferenciou uma boa e uma má atuação na área, expressando ainda sua posição favorável à absorção de bacharéis em jornalismo pelo segmento da assessoria de imprensa. Para somar à questão da comunicação empresarial o conceito de valor social, também compôs a mesa da palestra a editora de conteúdo, da agência A Viagem de Odiseo, Ana María Correa Rodríguez, cujos comentários ressaltaram a existência de uma nova forma das empresas gerarem conteúdo: ele deixa de ser exclusivamente direcionado para o consumo do produto final e passa a agregar valores sociais.

A perspectiva apresentada por Garbin e Rodríguez despertou os alunos para uma área de exercício pouco discutida em sua formação. “Tenho muito interesse pela área de comunicação empresarial, mas infelizmente a escola de jornalismo oferece pouco conteúdo sobre isso. Ouvir profissionais de sucesso nessa área foi uma oportunidade incrível, tanto para entender mais sobre o que é a comunicação direcionada, pensando nos valores sociais, quanto para ampliar nossas expectativas para o futuro de nossa profissão”, disse Fernanda Giacomassi, 20 anos, que cursa o segundo ano de jornalismo na ECA.

A terceira mesa do ciclo de discussões tratou do jornalismo esportivo no rádio. Para isso, apresentou o repórter e comentarista da Rádio Bandeirantes, Frank Fortes, que, compartilhando suas experiências profissionais, ajudou a criar um panorama do que é jornalismo esportivo atual. A visão de Fortes a respeito da atuação nesse segmento de notícia colaborou para esclarecer alguns questionamentos importantes, como os motivos pelos quais esse tipo de editoria tende a focar mais no futebol em detrimento de outros esportes. Segundo Gabriel de Campos, 21 anos, “o ponto da entrevista concedida por Frank Fortes que me foi mais esclarecedor foi quando ele falou sobre o mercado de trabalho na área esportiva. Foi importante ouvir a opinião de quem trabalha há anos na rádio e consegue perceber um momento difícil para os profissionais da área. Entrar está cada vez mais complicado e demissões têm sido cada vez mais frequentes. Gostei também quando ele contou sobre os bastidores por trás de transmissões e programas esportivos, como são feitos e para quem são direcionados”.

Em contraponto às possíveis atuações profissionais apresentadas pelos palestrantes anteriores, a última mesa do ciclo se propôs a discutir um campo em ascensão na área da comunicação: o da imprensa alternativa. Com participação de Ana Flávia Marx, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e do Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé, de Evelin Fomin, da agência de curadoria digital Muchas, e de Vania Correia, da Revista Viração, o encontro permitiu aos alunos participantes uma reflexão a respeito dos procedimentos empregados pelos veículos tradicionais de mídia na elaboração de notícias, suas implicações na construção de estereótipos, assim como a importância da existência de canais que deem voz àqueles que normalmente não são ouvidos.

Gênero informativo na TV

Caracterizado pela isenção e imparcialidade nos relatos dos acontecimentos, assim como a busca por versões plurais para trazer uma versão totalizante sobre um determinado fato. A clareza e a objetividade são as principais características do gênero, tendo pouco espaço para um jornalismo opinativo e crítico. Quando há, no entanto, a presença destes elementos, eles são geralmente diferenciados de alguma maneira da parte informativa. Segundo Adriana Mabília, editora internacional e especialista em assuntos sobre o Oriente Médio, o texto para o telejornal precisa ser mais conciso, devido principalmente ao grande volume de notícias que precisam ser transmitidas em um período curto de tempo.



Adriana Mabília

Adriana Mabília é formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez especialização em jornalismo internacional, explorando a temática do conflito entre Palestina e Israel. Já passou pela TV Cultura, TV Record e Rede Globo, onde foi editora de internacional no Jornal Hoje. Especialista em Oriente Médio, lançou em 2013 o livro-reportagem *Viagem à Palestina - Prisão a céu aberto*, em que contou a história dos conflitos na região, com bastante ênfase na situação das mulheres. Deixou a equipe do Jornal Hoje para trabalhar em seu próximo projeto de livro-reportagem, que pretende abordar a ilha de Cuba, região para onde já viajou diversas vezes e a qual considera ser vista de forma errada.

Carreira de jornalista

Comecei minha vida profissional cursando Administração e dando aulas de inglês, mas sempre quis ser jornalista. Num primeiro momento, não consegui, por uma questão financeira: minha família não tinha condição de pagar por um curso desse tipo naquele momento, mas sempre foi minha grande vontade. O primeiro passo para fazer uma entrevista é conhecer o entrevistado. Para mim, é uma questão de educação para com o entrevistado saber seu nome, o que ele fez e o que faz, assim como onde trabalha.”

“Meu nome é “x”, sou jornalista na área internacional e não comecei assim. A minha carreira na editoria internacional tem 18 anos e foi sempre na televisão: começou pela TV Cultura, passou pela Record e chegou na Globo, de onde acabei de sair. Hoje, pretendo me dedicar de 6 a 7 meses a terminar um livro que estou escrevendo sobre Cuba, o que tem sido um desafio imenso, mas é uma obrigação para mim. Eu comecei a escrever livros porque, no jornalismo, comecei como repórter de revista e sempre gostei demais de ser repórter de impresso. Nunca me vi como repórter de televisão, eu gosto de escrever e o livro aparece por conta disso. Sentia falta de escrever mais. Gosto de televisão, mas gosto também de escrever livros, é uma junção muito bacana.

Conceitos e Gêneros

“Sobre essa disciplina que vocês estão tendo aqui (Conceitos e Gêneros do Jornalismo), eu lembro que não tive isso na faculdade. Aprendi o que vocês veem aqui, mas de uma forma muito esparsa, diluído em diversas matérias. Achei ela muito importante e de uma baita utilidade nos dias de hoje, pois ensina a diferença entre um texto opinativo, um argumentativo e informativo. Então o estudante, o profissional que sair da universidade com esse fundamento, vai ter um diferencial como jornalista porque ele tem que entender e ser especialista no que está escrevendo.”

Os anos no jornalismo

Ao longo desses 17 anos, nunca me impediram de dar uma notícia. Seja sobre Cuba, seja sobre Venezuela, nunca recebi uma ordem direta que me impedisse de noticiar algo. É claro que, em todo esse tempo, você vai aprendendo o que se pode falar e o que se pode evitar. Toda empresa tem uma linha direcional, tanto na imprensa quanto em empresas de outras áreas, e até aqui, na USP. Existem algumas regras e direcionamentos que precisam ser respeitados, ninguém é ingênuo nem quer perder o emprego à toa. Por sorte, a vida me deu rédeas para que eu contivesse a minha impetuosidade de jovem, para que eu conseguisse espaço e, principalmente, respeito. Continuo com minhas ideologias e minhas convicções, mas, aos 47 anos, tenho a percepção de como lidar com isso sem parecer uma louca

que chega abalando a redação, querendo mudar tudo. O estagiário, quando chega na TV no primeiro dia, tem a impressão que vai mudar tudo, mas já no segundo entende que não é bem assim que funciona.

A TV aberta

Existe uma limitação que temos que levar em conta. A TV aberta tem telejornais estritamente informativos, até porque o telespectador não tem tempo para assistir às discussões na televisão. Ele tem pouco tempo para assistir televisão. A TV aberta tem o papel de informar primeiro, e, se a pessoa se interessar, ela vai atrás de outros formatos, seja impresso, na internet ou na TV a cabo, como é caso da Globo News.

Falando sobre o conflito entre Israel e Palestina

“Minha relação com ele começou na TV Cultura, quando precisei escrever sobre e comecei a pesquisar muito sobre o tema. Fiz a especialização na academia sobre a cobertura da imprensa brasileira das mulheres no conflito palestino. Fui coletando esse material e percebi que daria um livro, e isso motivou minha ida à região. Eu falo de mulheres, então minha ideia inicial era ter personagens mulheres e contar suas vidas na Palestina, mas contei também minha viagem e minha experiência naquele cenário de guerra, que é completamente diferente da realidade.”

Cuba

Quanto a Cuba, há uma resistência contra o país em muitos lugares, por uma questão ideológica. Sempre me incomodou demais chamar Fidel Castro de ditador, porque os próprios cubanos não o consideram assim. Resolvi, então, pesquisar muito sobre a realidade daquele país e percebi que se conhece muito pouco do passado recente e do momento atual do país. Isso me motivou a conhecer mais, ir para lá e escrever um livro sobre isso. É um livro-reportagem em que conto as histórias, colho depoimentos de cubanos e apresento um panorama do que acontece no país. Sempre lembrando que não é o viés de um de historiador, mas de um jornalista, e é importante fazer essa distinção. Eu tento, justamente, evitar colocar minha paixão no texto, o que tem sido uma dificuldade para mim, porque é apaixonante demais. Não acho que vou contribuir ao leitor com um texto opinativo e ideológico, mas sim com um jornalístico, descritivo, que permita conhecer as histórias que construíram Cuba e dar voz aos personagens que lá estão.

Gênero informativo no rádio

Traz a informação dos acontecimentos com os desdobramentos mais recentes daquele momento, no seu contexto mais amplo e extenso. Tem linguagem direta e pode vir como noticiário, boletim, reportagem ou link ao vivo, mas não deve ser influenciado pelo merchandising, sobretudo em programas esportivos.

Traz um discurso que apresenta os fatos relatando o que acontece de forma objetiva, não por meio de uma análise ideológica ou subjetiva. No jornalismo esportivo, por exemplo, o jogador sai de uma partida de futebol e na sequência já dá uma entrevista ao repórter; não há espaço para uma discussão aprofundada. É pontual e transmite rapidamente aquilo que interessa ao ouvinte naquele momento.

Frank Fortes

Aos quatro anos chegou em São Paulo acompanhado dos pais e de mais seis irmãos - a oitava havia ficado em Águas da Prata, lugar de onde a família havia saído para tentar a vida na cidade.

A má colheita de dois anos fez com que seu pai Onofre, que era retireiro, se endividasse e tivesse que buscar alternativa. Mesmo os outros irmãos e irmãs não conseguiram ajudar quando o assunto foi dinheiro: a família toda trabalhava na colheita, e sem colheita não dava pra pagar as contas.

Final da década de 70, início de 80, expectativa de crescimento. O movimento sindical forte buscava a garantia para quem trabalhava nas metalúrgicas do ABC. O salário não era dos melhores, mas juntando o trabalho terceirizado do pai, e mais o dinheiro dos irmãos que se tornaram metalúrgicos, dava pra se virar bem.

Pros filhos mais novos, um de 4 e outro de 7 anos, ficou a obrigação de estudar. Muito novos pra ajudar nas contas da família, tinham que buscar um futuro. Para Frank e Luís a escola era a saída.

Em idade apropriada começaram também a trabalhar, ajudando nas contas da casa e mantendo seus próprios gastos. A obrigação de terminar a escola veio com eles, e para Frank a vontade de cursar jornalismo se tornou real. Desejo que não cresceu sozinho. O rádio, companheiro permanente das horas de lazer e tarefas da família, despertou nele a vontade de ser radialista.

A mãe Antônia, acostumada a ter o rádio ao seu lado, ouvia como amigo a voz de Eli Correa, Barros de Alencar, Silvio Santos. Frank ficava por perto, percebendo a voz, o ritmo e a narrativa. Com o irmão crescia o gosto esportivo. À noite, escutava com Donizete o futebol paulista.

O caminho para chegar na rádio, então, foi o jornalismo. Aprovado na Universidade Metodista de São Paulo, precisou trabalhar para bancar os custos do estudo. Mas na época, estágio pagava tão pouco que quase não pagava. Tinha que ser assalariado, fora da área, pagar a mensalidade, ajudar a família.

A entrada no mercado, na sua área, foi então tardia. Aos 26 anos, na informalidade na Patrulha FM, rádio comunitária de Santo André. Depois disso seguiu na linha da voz, locução, radialismo. Passou pela produtora de áudio American Sat, pelo Portal Terra, e seguiu para onde está até hoje com seu programa diário sobre esportes na Rádio Bandeirantes.

Sobre o jornalismo, Frank acha que fez a escolha certa. O desconhecimento do que viria a seguir quando tinha 26 anos foi necessário para que seguisse na empreitada. “Se eu soubesse que iria passar por tantas dificuldades eu não sei se encararia”. Sobre a vida, não acha que fez demais por chegar onde chegou. “Existem diferenças no nosso país, e temos que passar por cima”.

Radialista



Meu nome é Frank Fortes, sou jornalista e também radialista. Eu já tinha em mente que seria radialista, tanto que fui primeiro fisgado pela rádio do que pelo jornalismo e hoje completo 20 anos de carreira. Comecei no rádio ainda na universidade, na Metodista, passando por diversas rádios menores até chegar na Band, onde estou hoje. Conforme você vai ingressando na profissão, porém, a questão financeira vai apertando e tive que mudar de plataforma. Comecei a trabalhar na internet, em um trabalho ainda novo na época, criando websites para a rádio em que trabalhava em 2004.”

“Em 2005, fui chamado para fazer um teste no Canal 21, do grupo Band, por conta do meu primeiro trabalho na rádio comunitária do ABC. A partir desse teste, passei a participar de alguns jogos e, dois anos depois, fiquei no jornalismo esportivo, onde estou até hoje, fazendo comentários, apresentando programas e trazendo informações sobre esporte, principalmente sobre futebol.

O mercado de trabalho do jornalista

Hoje, na Band, temos um estagiário de 20 anos, que chegou extremamente preparado. Ele produz, edita, redige, escreve, ou seja, faz tudo que é pedido.

Esse perfil é o que sai na frente e está pronto para trabalhar no ramo. É esse tipo de profissional que o rádio está escolhendo: multifuncional e com o maior número de aptidões possível. Cada vez menos dá para se destacar fazendo uma única função, pois é preciso se sobressair de alguma forma para evitar ser o escolhido quando a empresa faz cortes. A realidade do mercado está bastante complicada.”

“Hoje, na posição em que estou na carreira, tenho ciência que, para me manter empregado, preciso diariamente apresentar algo diferente, resolver problemas e apresentar soluções todos os dias pra quem manda e eu não vou reclamar desse processo. O mercado é nefasto e eu sei que preciso ficar esperto, senão os 12 anos que tenho de trabalho lá podem não ser determinantes para me manter empregado.

Jornalismo de rádio

As pessoas ainda ouvem o rádio e ouvem pela pintura. Na jornada esportiva, a pintura do jogo faz toda a diferença e cativa o espectador. Quem não pode assistir ao jogo, ouve, e é aí que conseguimos prender, com o talento do narrador, quem está nos escutando. Por incrível que possa parecer, hoje tem mais ouvintes do rádio do que há algumas décadas, e as mídias sociais acabaram sendo um grande ajudante nesse processo. Sempre vai ter alguém que não pode assistir ao jogo, sempre vai ter alguém que prefere o rádio à televisão.

Espaço para esportes femininos

A transmissão esportiva - e aí não só do rádio - ainda não tem espaço para outros esportes ou futebol feminino. Teve uma época em que tentamos fazer essa mudança, inserir programas que falem de outros esportes, e a audiência caiu vertiginosamente. Tirando épocas específicas, como as Olimpíadas, dificilmente o público busca algo diferente do que a cobertura tradicional do futebol masculino, o dia-a-dia dos clubes, saber como o time dele vai jogar, se o jogador do time dele está machucado ou não. Enfim, é difícil fugir disso, é difícil pensar alternativas para estimular o público a acompanhar outros esportes.

Apesar de o espaço das mulheres no futebol estar crescendo, ainda é pequeno em comparação ao dos homens. É ruim ver que o esporte feminino ainda não tem incentivo, não tem espaço na mídia. Hoje, dependemos muito de números, de análise de audiência, e nesse contexto, infelizmente, as mulheres não têm o espaço que merecem. É complicado, espero que isso mude nos próximos anos e tenhamos cada vez mais mulheres no jornalismo esportivo, porque elas entendem tanto quanto os homens, discutem no mesmo nível e têm capacidade de realizar o mesmo trabalho com a mesma qualidade. Eu só lamento que esse processo ainda não tenha emplacado na Band, porque é algo que eu acho muito legal.

Gênero opinativo

O gênero opinativo tem como objetivo persuadir o leitor através de uma mensagem estruturada em duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva espacial ou temporal que atribui sentido a opinião). Também possui interface com o jornalismo investigativo, segundo Ana Flávia Marx, do Sindicato dos Jornalistas.

De acordo com José Marques de Melo, são considerados parte do gênero opinativo sete tipos de texto: editorial, crônica, comentário, artigo, resenha ou crítica, carta e coluna.

Editorial: Expressa a opinião oficial de um veículo (jornal, rádio ou tv) em relação aos fatos mais relevantes no momento de forma impessoal, sem assinatura individual. É escrito na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural.

Crônica: Trata-se de um gênero breve e que se relaciona com a atualidade. É escrito de forma livre e pessoal e possui como tema qualquer fato relacionado à vida cotidiana (de teor artístico, político, esportivo). É considerado um gênero tipicamente brasileiro, que pode ter como intuito a crítica social.

Comentário: Mantém relação direta com a atualidade, utilizando-se do método expositivo do editorial e o humor da crônica, além de ser breve e acompanhar a notícia. Sua técnica de realização é bem mais livre que o editorial, no entanto é assinado e não costuma ser conclusivo.

Artigo: Comum em redações escolares e de vestibular, o artigo de opinião é um texto dissertativo onde o autor expressa seu posicionamento a respeito de algum tema de grande interesse, normalmente considerado polêmico. Também pode ser científico e trata-se do gênero em que o autor tem a maior possibilidade de inserir dados, fontes e debates.

Resenha: A resenha crítica é a junção do resumo e descrição com a análise interpretativa de um livro, uma obra de arte, um capítulo ou uma peça de teatro. Ela relaciona, contextualiza, informa e opina sobre o que está sendo tratado.

Carta: Escrita em primeira pessoa e dirigida a um leitor previamente especificado, a carta é o tipo de gênero que tem como objetivo o convencimento desse leitor por meio de seus argumentos opinativos. Também pode argumentar/explicar algo, representar apoio a alguma situação ou até mesmo ser um elogio.

Coluna: Texto que possui teor opinativo e é publicada com certa periodicidade em qualquer veículo, impresso ou não, pelo colunista. É conhecida por ser um texto assinado e que possui espaço fixo em um jornal. Costuma trazer assuntos do cotidiano e pode englobar todos os outros gêneros descritos anteriormente.

Tratando especificamente da imprensa alternativa, todos os gêneros opinativos presentes na classificação de José Marques de Melo sofrem pequenas alterações na forma como são construídos e expostos. Na “mídia ninja”, por exemplo, percebe-se que a opinião atrelada ao conteúdo jornalístico é muito mais contundente e radical, se comparada àquela que é divulgada na chamada “grande mídia”. Pode-se dizer que essa imprensa independente tem como característica, em todos os tipos de gênero opinativo citados acima, a presença mais significativa da opinião manifestada em seus textos.

Evelin Fomin



Evelin Fomin é jornalista no blog Somos Todas Feministas. Estudou na Universidade Metodista e foi contratada pelo Estadão no segundo ano de faculdade. Teve uma vasta experiência em sua carreira e trabalhou com política, cultura e no escritório de Maurício de Souza. Foi editora do Estadão, mas pediu demissão para trabalhar com jornalismo independente. Atualmente, trabalha também na comunicação do Partido Socialismo e Liberdade (Psol).

Colete à prova de balas



O jornalismo me salvou de uma narrativa familiar que estava traçada para mim



Castelo de areia

Toda a linha do jornal onde eu trabalhava foi pautada pela escola da imparcialidade. Fomos formados nessa construção que, na prática, vemos que é extremamente falaciosa

Sinônimos?

Nunca vou me esquecer do dia em que, na redação do Estadão, fui obrigada a trocar a palavra ‘manifestantes’ por ‘vândalos’ em uma matéria sobre o MST

Vitrine

“Em 2011, fiz uma matéria de capa para uma revista conceituada. Era sobre quem eram os importantes cientistas brasileiros que estavam criando grandes inovações. Pois bem, lá fui eu para uma empresa entrevistar X e Y, responsáveis por uma nova tecnologia de embalagens de alimentos. Na apuração, descubro que só X era o autor daquela tecnologia. Na hora de escrever a matéria, expliquei para o editor de especiais que apenas um dos entrevistados tinha, de fato, relação com a técnica descoberta, mas ele [o editor] preferiu não se ater aos fatos, porque era importante que o Y também estivesse ali recebendo o crédito. Então, na minha vida, viver a experiência da grande imprensa foi a maior escola de quebra de paradigmas”

Não se nasce sabendo tudo

“Eu acho que falta mentoria. Recentemente, estava entrevistando uma colaboradora da minha empresa. Ela tem 25 anos, recém formada, e falou pra mim: “Olha, eu sinto muita falta de alguém que me ensine o que tenho que fazer. A gente é muito jogada aos leões”. Eu achei muito interessante porque ela, que acabou de sair da faculdade e de um grande portal de notícias, teve a mesma experiência que eu observei em anos lidando com a garotada. Falta mentores, e é totalmente possível que eles existam”

Cadê a mulher que estava aqui?

“Eu cobri política durante três anos e não me lembro de ter entrevistado uma cientista política mulher se quer. O que acontece nas redações, na prática, é que as coisas estão postas daquela maneira e ninguém questiona. Só que eu sou otimista nesse aspecto. Se você tiver um chefe que tope fazer a disrupção, você vai conseguir passar por cima de algumas regras, como usar sobrenome apenas para se referir às fontes masculinas”

Ana Flávia Marx

Ana Flávia Marx foi aluna da primeira turma de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Após uma greve de oito meses, decidiu abandonar o curso e fazer Jornalismo. A nova escolha foi feita porque queria fazer algo com função social e também para militar pela democratização da comunicação. Participou da primeira Conferência Nacional da Comunicação e logo depois fundou o Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé. Paralelamente a isso é militante no Sindicato de Jornalistas e construiu uma central de mídia para cobrir o impeachment.



Por que jornalismo?

O jornalismo não chega a ser uma militância, mas tem uma função social. E eu queria ter essa função de tratar a comunicação como direito humano.

Não é fácil, mas é possível

“Este ano conseguimos mobilizar jornalistas do Brasil inteiro para cobrir o outro lado do impeachment. Tivemos, em Brasília, uma rede de colaboradores maior que a da Globo. As pessoas me ligavam e diziam: “Quero ir pra lá, quero ajudar nessa função em defesa da democracia, como eu vou?”. E eu dizia que nós não tínhamos dinheiro, mas que sairia um ônibus de Foz do Iguaçu. E foi muito legal, porque esses jornalistas toparam ir pra Brasília de ônibus, hospedar-se na casa de amigos nossos, comer marmita. Estava todo mundo junto, sabe? Dessa maneira, conseguimos ter uma cobertura que não a hegemônica. Dá pra fazer. Dá trabalho, mas dá.”

Precisamos falar sobre técnicas

“Não sou a favor dessa visão academicista de que só faz jornalismo quem tem diploma com essa especialização. Mas, ao mesmo tempo, temos que ter um parâmetro. Você pode pegar um celular e ir para a rua cobrir as manifestações, como fez o Mídia Ninja em 2013, e então você estará mostrando uma visão da narrativa. Só que temos que ter técnicas do fazer jornalismo. Precisamos avançar nesse debate de como se trata a informação.”

O fim não está próximo

“Todo mundo fala ‘ai, o jornalismo vai morrer, vai acabar’, nada disso. Ele está tão pulsante que o estamos desconstruindo, estamos repensando a própria forma de fazer jornalismo. Nunca se falou tanto em jornalismo como agora.”

Vânia Correia

Vânia Correia se especializou em educomunicação e, depois, no desenvolvimento local da América Latina. Desde a adolescência, esteve envolvida com movimentos sociais, inicialmente ligados à teologia da libertação da Igreja Católica e ao Movimento Pastoral. Tinha um deslumbre pela comunicação que a fez querer seguir na profissão e despertou um senso crítico em relação à mídia. Atualmente trabalha na Revista Viração, um projeto de educomunicação produzido por jovens e que tem como alvo o público adolescente.



Muito além da ponte aérea

As coisas não se resolvem com testes para saber se seu amor gosta de você. O que a juventude tem feito no campo da política, da cultura, da educação? E onde está a dimensão social dessas revistas voltadas aos adolescentes e jovens? Há uma hegemonia do eixo Sul-Sudeste como se o Brasil fosse as grandes avenidas de São Paulo e os extensos calçadões do Rio de Janeiro. E aí? A realidade do jovem que vive em regiões de floresta, semiárido ou periferia não tem espaço

Jornalismo é política

Construir comunicação pode ser um processo transformador para adolescentes e jovens, porque comunicação é um ato político. E quando essas pessoas se empoderam, passam a disputar narrativas, como esses meninos das ocupações estão fazendo agora.

O mito da imparcialidade

A mídia brasileira é uma mídia muito hipócrita. Com raras exceções, os veículos sempre ficam sentados em cima dessa mentira da imparcialidade e enganam as pessoas, porque elas leem acreditando que aquilo é a única verdade possível e que não há distorções. E sabemos que há, seja no uso dos termos, seja na escolha das fontes. O melhor seria que eles assumissem que têm posições ideológicas e visões de mundo.

Onde está o jovem brasileiro?

Estamos fazendo uma pauta que se trata de adolescentes e, em nenhum momento, se considerou que ouvir a voz de jovens fosse importante? Se pensarmos em todas as hegemonias discursivas que estão cristalizadas, uma delas é a das vozes que têm espaço. O que vale é a opinião do adulto formado, intelectualizado, homem, branco, de classe média.”

Desconstruções do ofício

Minha experiência na Viração é totalmente diferente da das grandes redações, porque temos um trabalho de tentar desconstruir. Só que essa desconstrução não é da noite pro dia. Muitas vezes, nos pegamos ensinando aos jovens técnicas que aprendemos na nossa época de faculdade, baseadas no manual do Estadão. Estávamos ensinando os meninos a escrever a partir do lead. E nada contra, acho que ajuda muito a vida das pessoas. Mas, porra, e se aquele aluno queria construir uma poesia? Ou usar o nariz de cera? Deixa ele. Vai sair algo maravilhoso dali.

Novos mercados para Jornalistas

A assessoria de imprensa e a comunicação institucional estão entre as principais áreas profissionais de novos mercados para o jornalismo. O principal objetivo dessas atividades é a construção da reputação e da imagem de uma instituição (pública ou privada) perante à sociedade. Para isso, os jornalistas mediam e articulam as informações, os fatos e as notícias no âmbito institucional e com os veículos de comunicação. Em ambos os campos, portanto, exige-se, para o exercício pleno da função, o domínio do jornalismo informativo e opinativo - o informativo, por exemplo, é fundamental para a elaboração de notas e releases, e o opinativo para o auxílio de assessorados na construção de artigos e textos de opinião.

O artigo 2º. do decreto presidencial n.º 83284, de 13 de março de 1979, que trata da regulamentação da profissão de jornalista, contempla, como descrito a seguir, as funções da assessoria de imprensa e da comunicação institucional:

“Art. 2º. - A profissão de Jornalista compreende, privativamente, o exercício habitual e remunerado de qualquer das seguintes atividades:

I - redação, condensação, titulação, interpretação, correção ou coordenação de matéria a ser divulgada, contenha ou não comentário;

(...)

IV - planejamento, organização, direção e eventual execução de serviços técnicos de Jornalismo, como os de arquivo, ilustração ou distribuição gráfica de matéria a ser divulgada; (*) ENTENDA-SE TAMBÉM RELEASE

V - planejamento, organização e administração técnica dos serviços de que trata o item I” (Planalto, 1979).

Para reforçar ainda mais a estreita relação dessas áreas profissionais com o jornalismo, a resolução n.º. 01, de 27 de setembro de 2013, do Conselho Nacional de Educação, homologada pelo Ministério da Educação, estabeleceu alterações nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, organizando o currículo de acordo com as transformações da sociedade e das demandas de novos mercados. O curso de jornalismo, desde de 2013, foi afastado do campo da comunicação social e passou a incorporar as atividades oriundas das dinâmicas do mercado. O artigo 4º., que trata do Projeto Pedagógico do curso, por exemplo, evidencia essa mudança:

“Art. 4º. A elaboração do Projeto Pedagógico do curso de bacharelado em jornalismo deverá observar os seguintes indicativos:

(...) g) incluir, na formação profissional, as rotinas de trabalho do jornalista em assessoria a instituições de todos os tipos” (MEC, 2013, pp. 9).

A resolução define, no artigo 5º., quatro conjuntos de competências para o desenvolvimento profissional de um bacharel em jornalismo. O terceiro conjunto, denominado de “competências pragmáticas”, retoma, outra vez, a importância de outros campos de atuação para os jornalistas. Entre as principais competências, destacam-se: “elaborar, coordenar e executar projetos de assessoria jornalística a instituições legalmente constituídas de qualquer natureza, assim

como projetos de jornalismo em comunicação comunitária, estratégica ou corporativa; compreender, dominar e gerir processos de produção jornalística, bem como ser capaz de aperfeiçoá-los pela inovação e pelo exercício do raciocínio crítico” (MEC, 2013, pp. 10).

Por fim, o artigo 6º. elenca os eixos que devem orientar o conteúdo da formação de um jornalista. Os dois últimos eixos marcam as mais profundas influências de novas atividades na formulação do currículo:

“V - Eixo de aplicação processual, cujo objetivo é o de fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho.

VI - Eixo de prática laboratorial, que tem por objetivo adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Possui a função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros” (MEC, 2013, pp. 12).

Assessoria de imprensa

Área responsável por transmitir informações e notícias de uma instituição pública ou privada - ou, ainda, de uma personalidade - aos veículos de comunicação, com o objetivo de consolidar uma imagem positiva na sociedade. O profissional da assessoria de imprensa realiza um trabalho contínuo de transformar um fato em notícia e de repercutir, através dos vínculos com os meios de comunicação, as informações pelos grupos alvos. Virginia Garbin, integrante da assessoria de imprensa e da equipe de Comunicação Corporativa da TV Record, defende que esse campo profissional, além de uma alternativa, é propriamente uma vertente do jornalismo, pois “os jornalistas sabem o que é e o que pode se tornar notícia” (Coletiva, 2016). Em consonância com a academia, Luiz Beltrão, na obra “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”, já afirmava que o jornalista é “o instrumento adequado de que se valem os fatos para converter-se em notícia” (Beltrão, 1992, pp. 73).

Entre as principais tarefas dos profissionais desta área, é possível destacar a publicação de notícias, através de notas, e o agendamento e realização de entrevistas e/ou coletivas.

Comunicação Institucional

Campo interdisciplinar responsável pela gestão da comunicação de uma instituição. Além de incorporar as funções já exercidas pela assessoria de imprensa, a equipe de comunicação institucional e corporativa cria planos de comunicação e lidera projetos visando a definição de um posicionamento ético e de compromisso com a responsabilidade social. Dessa forma, a imagem da instituição será marcada por valores sociais positivos.

Ana María Correa Rodríguez



Formada em Comunicação Social pela Universidad de Antioquia, Colômbia, a jornalista estudou o conceito de comunicação para o desenvolvimento, apresentado a ela por um docente, para impulsionar parte de sua carreira.

Atuou com estratégia comunicacional na Corporación Educativa e Cultural Simón Bolívar. Após sua chegada ao país, atuou na área de sustentabilidade do McDonald's e também com marketing de conteúdo da Natura Ekos.

Vinda da cidade Medellín, também na Colômbia, a jornalista Ana María Rodríguez trabalha hoje com a construção de plataformas comunicacionais que incentivam o conhecimento coletivo.

“Acho que o jornalismo me preparou muito para ter a capacidade de me colocar no lugar de outras pessoas. Eu tenho posturas políticas, acredito em muitas coisas, tenho princípios, mas, como jornalista, tento ser muito versátil.”

Comunicação para o desenvolvimento

A América Latina foi um hacker da comunicação. Hackeou a comunicação totalmente. Quando chegaram aqueles veículos de comunicação, o rádio e a TV, o que a América Latina fez? Países como Colômbia e Bolívia começaram a ver que tinham muitos problemas de alfabetização. Problemas com os mineiros, com as áreas rurais. E várias iniciativas começaram a usar o rádio para alfabetizar as pessoas da área rural. As agências começaram enviando fita cassete para as pessoas ouvirem. Depois, faziam transmissões e iam educando as pessoas em relação à alfabetização, ao sentido comunitário, à convivência. Essa área de comunicação [a “comunicação para o desenvolvimento”], que não é tão conhecida no Brasil – inclusive Paulo Freire é uma das referências para essa área, por outro lado, é muito forte na América Latina. Ela busca ter um comunicador que saia da faculdade com o objetivo de promover transformação social na comunidade.

Marketing de conteúdo

As pessoas estão interessadas em valor. Elas não estão interessadas numa marca que simplesmente lança a publicidade e diz que o produto está bom. Elas estão interessadas em aprender mais, em entender, em trocar informações. Quando cheguei para trabalhar na Natura ECOS, comecei a entender isso. Lá, a gente cuidava da comunicação digital da marca, mas o foco não era exatamente vender os produtos. Era mostrar para as pessoas o ecossistema que estava por trás. Não sei se vocês já conhecem, mas a Natura ECOS é totalmente trabalhada com matéria-prima da Amazônia, e essas matérias-primas são produzidas por comunidades da Amazônia. Tem uma cadeia produtiva muito interessante. Então, eu comecei a usar o mundo digital para contar histórias. Histórias dessas comunidades, histórias do produto... Essas histórias geram um valor para as pessoas que estão lendo. A pessoa que está usando a Natura ECOS está entendendo o valor daquilo que recebe. Fiquei por muitos anos lá, sempre trabalhando com o conteúdo como uma forma de atender à necessidade do público e, ao mesmo tempo, fortalecer a marca.

O poder dos jornalistas

Quando a gente fala de jornalismo, o foco é sempre a notícia. Falar qual é a notícia, qual é a fonte, ser equilibrado nas fontes. Quando a gente fala de marketing de conteúdo, o foco são as pessoas. Eu já não penso na notícia como tal; eu penso nas pessoas a quem estou me dirigindo. Qual é o meu público? Ele é jovem? São homens, mulheres? Quais são os interesses dessas pessoas? Quem compra a Natura ECOS tem interesse por sustentabilidade, por exemplo. Então eu entrego essa informação. Mas essa informação também tem que ser de qualidade, tem que ter fontes... Por isso, o marketing de conteúdo e o jornalismo corporativo têm cada vez mais procurado jornalistas. Nós temos esse poder de, através da escrita, transmitir informações, criar conteúdo e valor.

Virgínia Garbin



Virgínia Garbin é jornalista e assessora de imprensa. Natural da cidade de Caxias do Sul (RS), formou-se em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UCS, Universidade de Caxias do Sul. Em São Paulo, formou-se em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela faculdade Cásper Líbero. Entre os anos de 2007 e 2010 trabalhou como jornalista no jornal Diário de São Paulo, até que surgiu a oportunidade de trabalhar com comunicação institucional e assessoria de imprensa na rede Record de televisão, onde está hoje em dia.

Assessoria para jornalistas

Acho que assessoria é jornalismo, sim. Já trabalhei em jornal, trabalhei em redação. Nós, jornalistas, sabemos o que é notícia e eu acho que isso é imprescindível quando você escreve, quando produz um vídeo, quando pensa em marketing de conteúdo ou em um simples release. Acho que a gente sabe onde está a notícia e sabe como escrever essa notícia. Nenhum outro curso de graduação ensina isso: relações públicas não ensina; publicidade, menos ainda. A redação publicitária é completamente diferente da redação jornalística. Rádio e TV, nem se fala. Então, eu acho que sim, tem muito jornalismo em relações públicas.

Requisitos

Em primeiro lugar, busquem credibilidade. A empresa tem que ter uma boa imagem com os públicos de interesse dela. Depois, tem que ter conteúdo. E também tem que ter um bom relacionamento com todos, principalmente os jornalistas. Porque, hoje em dia, fazer comunicação é muito mais do que release e follow up. Não adianta a gente ligar no meio de fechamento, não adianta a gente querer falar de um assunto que não interessa para o jornalista. É preciso ter estratégia. Às vezes, seu mailing pode ter cinco contatos; mas, se são contatos bons, vale mais do que ter cem nomes que você nem conhece. Tem que saber divulgar, conhecer os jornalistas e, principalmente, conhecer a história da empresa, para saber trabalhar seus pontos fortes e fracos.

Crise de imagem

Todas as empresas, em algum momento, terão uma crise [de imagem]. E as crises sempre são pelos motivos mais bobos do mundo. Uma crise nunca acontece porque a empresa está falindo, por exemplo. Nunca é uma coisa muito séria. É uma coisa pequena, que não se sabe trabalhar, e que vira uma coisa gigantesca. Então, assim: uma das metas para toda empresa é sempre a transparência do discurso. Trabalhar a comunicação, fazer os porta-vozes terem um discurso bacana e transparente. Do tipo: erramos? Sim, erramos, e vamos consertar o quanto antes. Não erramos? É boato, é fofoca? Diga isso, que é boato, é fofoca. Porque, senão, vira algo tão gigantesco, a imagem fica tão arranhada, que ninguém mais vai acreditar.

CRÔNICAS



Metalinguagem

Sobre o que escrever

Álvaro Logullo Neto

Bateu uma vontade estranha de escrever hoje. Escrever por escrever. Colocar palavras em sequência e acreditar que elas significam alguma coisa. Alguma coisa boa. Sem um motivo expresso, sem pretensão de nada, simplesmente escrever.

Escrever sobre o quê, afinal? Não sei. Tanta coisa. Ou qualquer coisa. Ao menos uma coisa. Tudo se parece muito vazio. Será que eu sei escrever? Não me importo. Só sei que quero. Eu tenho vozes que me atormentam, elas me dizem muito. Mas não sou louco, que fique bem claro. Talvez seja. E o que me contam essas vozes? Contam tanto que se embarralam. As palavras não saem, não sei por onde começar.

Poderia falar da tristeza que me habita por dentro. Muito melancólico. Poderia expressar meu amor por alguém, deixar aflorar a emoção. Muito típico.

Algo engraçado, então, que me simboliza. Não consigo pensar em nada.

Ah, difícil demais escrever. Vou desistir. Muito cansativo, estressante.

Escrever... de que adianta?

Nada mais clichê do que escrever sobre as dificuldades de escrever. Maldita metalinguagem. Que coisa mais chata, entediante. E olha eu aqui fazendo isso. Não! Me recuso. Preciso pensar em alguma outra coisa. E rápido. Uma luz, qualquer saída.

Não vem. Tô sem ideias... Não nasci pra isso mesmo. Esse negócio de criatividade. Mas eu era bom. Não era? Sei lá, acho que sim. Não escrevo há tanto tempo. E parei porquê? Não faço a mínima. Agora tô aqui. Com essa vontade que se rende a impotência, excesso de palavras que não transmitem nada.

Não vou sucumbir agora. Antes tarde do que nunca. Algo virá, eu tenho fé. Ao menos finjo que tenho. Escrever sobre escrever. Não! Já disse que não. Que coisa batida. Acho que vou escrever sobre o porquê de não querer escrever sobre escrever. É isso! Vou ficar com essa.

Escrever sobre não querer escrever a respeito de... escrever. Ficou claro agora? Mais fácil, impossível. Mas só um instante. Será que as pessoas vão entender? Não sei... será que eu entendi? Também não. Ah, sei lá...

Justo quando imaginei estar progredindo. Tá cada vez pior. O tempo vai passando e não saiu nada ainda. Que decepção. Cara, eu preciso acordar cedo amanhã! Já é madrugada. Calma! Vou terminar esse negócio agora. De um jeito digno. Mas como? Ai, não sei também.

Fiquei perdido. Pra terminar alguma coisa é necessário antes iniciá-la. Eu comecei? Não, nem comecei. Ixi, e agora? Eu apago tudo? Ah, não! Baita tempo perdido pra isso? De jeito nenhum! Vai ficar assim agora.

Poxa, eu queria tanto escrever... depois de todos esses anos longe do papel e da caneta... Bem, papel e caneta não, tô na frente de um computador na verdade. Mas sei lá. Prefiro pensar de um jeito romântico. Pensamento meio batido esse também, né?

Olha, sinceramente não sei como terminar esse troço. Não consigo. Não fui capaz de começar e agora tô penando pra concluir. Inacreditável isso. O que foi isso que eu escrevi então? Não foi uma introdução, não foi uma conclusão, estou num 'purgatório' das redações, onde eu sigo do nada pra lugar nenhum. Anota essa aí no manual pra você que quer ser jornalista. Nunca faça isso.

Mas quer saber? Valeu. Ao menos escrevi. A chama da escrita, apagada em meu espírito, sabe-se lá porque, parece estar se reacendendo timidamente. E que de alguma forma isso possa aquietar a angústia que tenho dentro de mim.

Acho que chegou a hora de acabar.

Como escrever esta crônica

Bruno Kristoffer de Oliveira

O primeiro passo é olhar pra tela em branco do Word e lamentar todas as suas escolhas anteriores. Não que o curso seja ruim, ou que a aula seja ruim. Longe disso. O problema é que sua atenção está dispersa. Mal saem as primeiras linhas do cérebro para os dedos, dos dedos para o hardware, do hardware para o software e você já perdeu a sintaxe da oração e já está pensando em linguajar de informática.

Próximo passo: é preciso respirar. Dar uma volta pelo seu apartamento de menos-que-o-suficiente metros quadrados. Gastar essa coisa que você chama de salário com algo inútil que lhe dará prazer por algumas horas antes de ir parar numa prateleira. Assistir a tantos Vines que ir ver um filme gastaria menos tempo.

E então voltamos à tela branca. Agora menos branca - a tinta virtual preenche alguns espaços. Mas faltam o quê? Dois mil e duzentos caracteres? Ao menos, escrever números por extenso ajuda. Agora só faltam dois mil e cem.

Parabéns, seu trabalho deve estar ao menos iniciado agora. Mas a vontade de se perder em links pela internet é maior. Algum dia a ciência há de explicar como que músicas para se concentrar descambam em cobri meu carro com amoeba e olha no que deu na pesquisa do YouTube. Pense pelo lado positivo, meu caro eu: foi numa dessas viagens que você achou a ideia para seu texto plagiado. Talvez “plágio” seja uma palavra muito forte. Use “inspiração” ao comentar na sala de aula com os outros.

A essa altura, você estará se perguntando se isso sequer pode ser considerado uma crônica. Você já falou sobre informática, o tamanho de seu apartamento e até sua preferência de vídeos no YouTube. Se seu nome fosse Machado de Assis, Fernando Pessoa, Charles Bukowski ou [insira alguém famoso aqui], seu texto receberia aplausos e todas as bizarrices seriam consideradas escolhas deliberadas que subvertem o conceito de crônica. Como não é o caso, fique feliz se o professor tiver a piedade de não lhe reprovar.

Agora já restam menos caracteres. Dê a si mesmo uma pausa para ir tomar uma lata de Pepsi. E então chore, porque não tem Pepsi na geladeira. Chore mais, porque você começou a chorar por causa de uma maldita lata de Pepsi. E então chore mais um pouco, dessa vez porque você está chorando feito uma criança, mas já não tem a desculpa de ser uma.

De volta ao trabalho, você chega à reta final. Antes de encerrar, passo opcional nº 29: questionar-se se as pessoas entenderão a referência da lata de Pepsi. Talvez fosse melhor apagar essa parte. Mas isso significaria caracteres a menos, e já é quase meia-noite da data de entrega. O que leva ao passo não-opcional nº 30: desesperar-se.

Hora de xingar a si mesmo. Xingar a USP. Praguejar contra seus colegas mais talentosos. Mudar o foco e rezar ao pé do computador implorando por piedade provavelmente não vai ajudar em nada, visto que você é ateu, mas nunca se sabe e talvez alguma coisa aconteça.

Mas nada acontece. Talvez seja melhor mandar um e-mail para o professor, inventando uma desculpa convincente. Sendo um excelente con-man (que a Wikipédia brasileira por algum motivo traduziu como “estelionatário”, mas prefiro o título de “charlatão”), você sempre foi bom em se safar nessas situações. No entanto, ao abrir seu livro de desculpas utilizadas, verá que já matou sua tia, seu avô e seu cachorro nos semestres passados. Não vai rolar dessa vez.

Mas um raio de luz desce do céu e ilumina suas ideias. Ao escrever qualquer coisa, como sobre o artigo da Wikipédia (o que você estava pensando ao escrever aquilo?), você atingiu os caracteres necessários. Não fez o menor sentido, mas deu certo. Parabéns!

A essa altura, bate a sua velha conhecida crise existencial: por que eu escrevi tudo isso? Eu poderia ter feito algo melhor. Meu texto não faz sentido. Minha crônica mal pode ser chamada de crônica! Mas faltam só dois minutos pra meia noite, e não dá tempo de refazer tudo. O que dá tempo sim é de fazer uma piada sobre Machado de Assis e encaixá-la alguns parágrafos atrás.

Por fim, tudo entregue, é hora de prestar as contas com Deus, Buda ou seja lá com quem lhe atendeu. Apesar de você vir seguido este manual há anos, sempre recomeçando o ciclo se arrependendo de suas escolhas anteriores, prometa que isso não se repetirá, e que você será mais organizado da próxima vez.

Semestre que vem será diferente. Você pode sentir.

A crônica da exaustão

Carina Brito

Estou olhando pro relógio e já são quase duas horas da manhã. Como assim eu fiquei acordada de novo até essa hora? E olha que hoje, quando eu acordei, prometi que ia dormir mais cedo, mas aqui estou eu mais uma vez fazendo trabalho da faculdade. Não tenho o dom de prever o futuro mas tenho certeza que amanhã, quando o despertador tocar, eu vou me arrepender de não ter ido dormir mais cedo.

“Filha, você está fazendo coisas demais”, minha mãe sempre me diz. E não é que ela está certa? Mas de todas as pessoas eu acho que ela é a que está mais acostumada com a minha vontade de abraçar o mundo e fazer tudo que está ao meu alcance. Aquele poema do Carlos Drummond que diz “tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo” surge na minha cabeça e me faz questionar. Por que, com tantas coisas para fazer, eu tenho apenas duas mãos? Queria ter mais 386452 mãos (e todo o resto do corpo) para poder me dedicar a mais coisas. Talvez se o dia tivesse mais horas também ajudasse...

Esses dias na aula de inglês eu aprendi o termo “fears of missing out”, ou como muitas pessoas chamam: fomo. Segundo o meu professor, esse termo serve para caracterizar pessoas que sentem medo de perder alguma experiência na vida, e por causa disso, precisam se dedicar a tudo e fazer o máximo de coisas que puderem. “Caramba, eu sou assim”, pensei na hora. E devo dizer que foi confortador saber que mais pessoas estão na mesma situação.

Eu sempre estou correndo e, mesmo quando eu estou parada, minha cabeça está correndo para outro lugar. Por que aquela fonte que eu preciso tanto não me responde? Como era aquela levada de tamborim mesmo? Preciso aprender até o próximo ensaio. Será que o fornecedor vai realmente entregar os produtos no prazo? Espero que sim, porque não quero ouvir cornetagem dos ecanos. Ai meu deus, essa aula não acaba e eu preciso fazer meus trabalhos que são para a semana que vem.

Estágio. ECAtlética. BaterECA. Cursos de línguas. E ainda tenho que somar as 3 horas por dia que passo em transporte público. A universidade que deveria ser a prioridade fica mais uma vez de lado... Queria poder dizer que no próximo semestre tudo vai mudar e eu vou me organizar melhor para não precisar fazer tudo corrido mais uma vez.

Se eu disser que não estou cansada, ou que não penso em simplesmente largar tudo, seria mentira. Mas quem eu quero enganar? Eu me conheço o suficiente pra saber que eu me importo demais com as coisas para simplesmente deixar de lado.

Bom, já passou das duas horas da manhã e eu estou indo dormir. Se eu fiz tudo o que eu precisava? Não chegou nem perto. Mas pelo menos a crônica está feita e eu posso riscar um trabalho da lista.

Não queria escrever uma crônica sobre escrever uma crônica, mas escrevi uma crônica sobre escrever uma crônica

Giuliana Viggiano

Preciso escrever uma crônica. Na verdade, preciso entregar uma crônica para uma disciplina da faculdade. Posso usar uma já pronta, certo? Quer dizer, ninguém vai saber além de mim... Ah, não! Isso já é preguiça demais.

Ok, vou escrever uma nova crônica. Mas sobre o quê? Quer dizer, se for inspirada em Nelson tem que ter batatas: a expressão, não o vegetal. Algo do tipo “fulano, você acha que blábláblá dá certo?” e o outro “batata!”. Eu amo essa expressão... Queria ter vivido nos anos 50 só pra poder falar “batata” sem parecer idiota. Deixa o Nelson pra lá.

E se eu me inspirar no Fernando? O Sabino, digo. Se for algo do tipo, precisa ser engraçado e, se tem uma coisa que eu não sou, essa coisa é engraçada. Hum... Pensando bem, poderia até ser Clarice... Mas, bom, eu não gosto de Clarice (talvez meu maior defeito) e ela também não escrevia crônicas muito boas, convenhamos.

Quem sobra, então? Bom, posso até pensar em Machado ou aquele outro... o Rubem Braga. Mas aí já é demais, acho. Não tenho a mínima pretensão de me igualar a qualquer grande escritor porque, sendo sincera, ou melhor, realista, não tem a menor condição de eu escrever algo bom assim.

Então me resta ser original..... Como fazer isso.....?

E se eu escrever sobre amor? Ou sobre como eu tenho medo da minha cachorrinha morrer? Ou... E se... E se eu escrevesse sobre aquela garota que estava na minha frente na fila da cafeteria? Ah! Não sei! Ser original é difícil demais!

Eu posso até escrever sobre o próprio fato de escrever, mas isso não é clichê demais? Quer dizer, muita gente já escreveu (e ainda escreve) sobre ser cronista, e isso não tem mais nada de inovador.

Ah, que se dane. Vai ser isso mesmo. Não sou uma puta escritora. Não sou original. Já estou com raiva. Que merda. Preciso escrever uma crônica.

Certeza Das Incertezas

Mateus Feitosa

Louvados sejam todos aqueles que nasceram com a incomparável habilidade de escrever muito sem nada dizer. Louvados sejam todos aqueles que conhecem cada palavra do dicionário, porém desconhecem seus significados, pois não há nada mais assustador no mundo do que uma folha em branco.

Talvez, para todas essas pessoas que optam por simplesmente atravessar ruas, girar válvulas e abrir portas, não reste, senão, o esquecimento de sua breve parada na história da humanidade. Mas, cá estou sentado em minha cadeira do escritório, em mais um dia molhado, assombrado pela visão de uma folha em branco com inveja de todos esses que possivelmente tiveram mais certezas do que eu.

Ideias vem, ideias vão. Mas nada fica preso na folha em branco. O medo de errar devora minhas palavras e seus significados. A incerteza me domina mais uma vez.

Chega. Decido caminhar. Depois de um guarda-chuva, um casaco e cinco andares, caminho na rua ensopada preso em meus pensamentos de tal forma que os reflexos das poças de água parecem mais reais que o mundo que me rodeia. Sou interrompido por uma oferta tentadora de uma jovem pessoa: “Estaria interessado em uma palestra de 10 minutos sobre a finalidade da vida?”. Disse que não podia. Menti. Disse que estava atrasado. Só não sei para o que. Como um bom ser humano, recusei mais uma possibilidade de mudar minha perspectiva. No entanto, não deixei de ficar intrigado. Estou minha vida toda procurando um propósito, quando na realidade a solução era só pensar nele constantemente por 10 minutos e teria minha resposta. A vida segue.

Atravesso a rua e quase sou atropelado por um carro que ultrapassou o sinal vermelho, que por sua vez quase bateu com outro carro que fazia o retorno onde não podia. Dedos que ficam no meio da mão sobem vôo sem hesitação. Não participei da brincadeira. Ambos estavam errados. Ambos achavam que estavam certos. Seres que transbordam com certeza.

Retorno para minha casa e penso que todos estão certos enquanto todos estão errados. Lembro-me do que minha mãe vivia me dizendo: “O mais difícil é começar, dar o primeiro passo”. Se a vida está assim tão difícil, teria eu não começado a viver ainda?

Já passava da hora de dar vida à folha em branco. Decido preenchê-la com a única certeza que tenho na vida. Certeza das minhas incertezas. Esperando que minhas dúvidas me levem mais longe que minhas “verdades”. Angústias sempre caminharam ao meu lado, resta saber o que fazer delas. Pois, se há algo que ficou evidente em todos esses anos é que se agarrar a fiapos de esperança supera quaisquer tentativas de se afogar em desalento.

Caso o leitor tenha falhado em encontrar o propósito deste texto, sugiro que tente lê-lo em 10 minutos exatos. Talvez assim ele ganhe significado. Feliz com minha reflexão. Encaixo-me no universo e ele aprova minha existência. Abro minha geladeira para comemorar com sorvete. Que delícia! Estava vencido havia dois meses.

Nelson Niero Neto

15 de novembro. Cerca de 20 dias pro semestre da faculdade acabar.

Todas as obrigações e tarefas da graduação que fui deixando de lado e empurrando com a barriga nos últimos meses agora são urgentes e inadiáveis problemas. Tanta coisa pra entregar, em tão pouco prazo, que eu não sei por onde começar. E, quando eu finalmente escolher, a tarefa que ficar abaixo na lista de prioridades vai ser feita posteriormente com pressa e pouco apreço ou nem mesmo será entregue.

É realmente um desastre. Não há mais o que remediar. Culpa exclusivamente minha, claro.

Ontem, sentei na cadeira e prometi que faria o importante texto há vários meses arrastado e atrasado. Tudo bem. Não terminei, mas tive progresso e devo terminar hoje.

O problema é que no meio do caminho fiquei sabendo de outro texto - de outra disciplina -, que é pra amanhã. O que fazer? Qual priorizar?

Volta e meia, nesses caóticos períodos acadêmicos, ouvimos na sala de aula, ou nos corredores:

- Ah, já terminei meus trabalhos. Consegui me programar esse semestre, já tá tudo entregue.

Ora, veja só. A simples menção da expressão “fim de semestre” causa calafrios e desespero na maioria dos estudantes universitários, quase todos acometidos pelo mesmo mal que agora me aflige - a procrastinação. Mas esse iluminado indivíduo não se deixou abalar com isso. É organizado, traçou metas, e fechou o semestre um mês antes que todo mundo.

Como, meu deus? O que essa pessoa fez durante o semestre? Ela não trabalha, não participa de entidades estudantis? Não tem vida social??

(Suspiro). Parei e pensei por dez segundos. Reli o último parágrafo. Estou errado, e vou reformular.

Primeiramente, se a procrastinação atrapalha a maioria dos estudantes universitários eu não posso afirmar - mas acho que entre meus colegas e conhecidos, ela é uma presença constante. Em maior ou menor grau, dependendo da pessoa.

Agora, tratemos do caso específico do indivíduo que lidou com o semestre sem pestanejar. Ele está certo. Apesar da demonstrada soberba que faz questão de jogar aos colegas, que ele muito bem sabe que estão soterrados por obrigações atrasadas, essa pessoa fez o que todos nós deveríamos fazer (ou ter feito).

E ela provavelmente trabalha, sim. Ou faz parte de uma entidade estudantil. Ou os dois. E, com certeza, tem vida social.

É quase impossível repelir uma onda de sentimentos ruins quando se está desesperado com os deadlines e se ouve uma frase dessa. O primeiro deles é a inveja. Odeio admitir, mas invejo quem teve o planejamento e a garra pra fazer tudo no prazo. Mas logo passa, porque a racionalidade fala mais alto e lembra que urge terminar os trabalhos e ficar invejando terceiros não vai ajudar.

Então vem a raiva. De mim, é claro. Raiva por procrastinar tanto. Raiva por não aprender. Obviamente, não é a primeira vez que estou nessa situação. E em várias outras eu prometi que faria diferente, que seria mais organizado e não daria chance pra procrastinação.

Após alguns segundos me odiando, vem o último sentimento, talvez não tão ruim como os anteriores. A resignação. Me conformo que sou uma péssima pessoa, com o odioso hábito de deixar tudo para a véspera. E aí, nesse clima miserável, que mescla baixa autoestima com um gosto de derrota, lembro que estou perdendo tempo e continuo escrevendo.



Jornalismo

Um templo ante a modernidade

Gabriel de Campos

A data, 27 de abril de 1940. O país preparava-se para mostrar ao mundo ser capaz de sediar o campeonato mundial que aconteceria dez anos mais tarde em seus domínios.

O local, Praça Charles Miller, levava o nome do homem que trouxe, talvez, o único gosto comum à maioria dos brasileiros, apresentando-lhes a pelota responsável por construir as histórias que o eternizariam.

Receberia, posteriormente, em seu título, o nome do advogado e empresário Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação da seleção brasileira em suas duas primeiras conquistas mundiais. O “Marechal da Vitória”, como era conhecido.

A avenida que dele se estica, as paixões que nele circundam, os momentos inesquecíveis de seu espaço convergiriam, ao longo dos anos, à sua direção.

Inaugurado sob os olhares de Getúlio Vargas, rodeado pelos protestos paulistanos alimentados pela Revolução Constitucionalista de 1932, em resposta ao movimento de 1930 que impediu o ex-governador paulista Júlio Prestes de assumir o poder conquistado mediante voto popular. O governante máximo do país abria as portas do palco predileto de seus maiores opositores.

Símbolo do progresso, vangloriava-se de ser o maior e mais moderno estádio de futebol do continente à época, não só pela arquitetura que ostenta até hoje, mas pela maneira inovadora e prática com que acomodava milhares de espectadores. Deixava a metros da plateia os mestres do espetáculo.

Um templo sem dono que, logo em sua abertura, recebeu o desfile que deu ao São Paulo a alcunha de “O clube mais querido” do estado, o time que representava a oposição paulista ao governo Varguista. Espaço responsável por eternizar as Academias palmeirenses dos anos 60 e 70, sob a batuta do divino maestro Ademir da Guia. Palco das maiores glórias da torcida corintiana, até a sonhada conquista da América em 2012. Onde o verde da grama se transformava em tapete vermelho para receber o Santos do Rei Pelé.

Um templo sem dono, mas a casa de todos.

Ao redor das quatro linhas, mais de quarenta mil pessoas atraídas pelo conforto de voltar à casa que nunca se altera, diante de um espetáculo único; dentro delas, uma história diferente a cada partida disputada, sacramentada a um conglomerado infinito de glórias.

O tempo trôpego, mas incessante, trouxe à sombra da modernidade a obsolescência. Subjugado às aclamadas arenas multiuso, perante a euforia de se sediar a Copa do Mundo de 2014, tornou-se uma resistência ao presente, uma ode ao passado.

Fossem apenas as glórias marcadas a cada palmo de concreto que o sustenta, ainda reservaria em seu interior a essência da memória que o consagrou, abrindo, em 2008, o Museu do Futebol, numa demonstração clara do que representa para o esporte, do que representa para a cidade de São Paulo.

Se esse estádio pudesse falar, teria uma história para cada torcedor que pisou suas arquibancadas, para cada locutor que utilizou suas cabines, para cada jogador que desfilou por seu gramado. Alegoria de paixões sem cores ou bandeiras, mas puras, de cada paulistano e paulistana, os verdadeiros donos desse patrimônio.

O meu, o seu, o nosso Pacaembu.

Um gole de café e dois dedos de prosa

Regina de Paulo Santana

- Eu não sei escrever. A essa altura do campeonato deveria ter aprendido, mas não tive a chance ainda. Meu medo é alguém me perguntar o que é que está escrito numa placa ou banner (É assim que fala, né?), porque também não sei ler. Só o básico. É claro que dá vergonha, já passei muito carão por isso, mas foi assim que aprendi a falar, né? Falar que eu digo é conversar com gente; saber sair e chegar com educação, saber se a informação procede, se o lugar que eu quero ir é aqui ou ali. Aprendi a fazer também, ia lá e fazia sem ficar pensando muito ou perguntando se era isso mesmo que eu devia fazer.

Tem que meter as caras né, gata? Não adianta ficar esperando a morte da bezerra. Olha bem pra minha cara e imagina se eu podia ficar esperando a porra da bezerra morrer! - ela ria - esquece, daqui pra frente é só besteira...

Eu ria enquanto Bianca dava um gole no pingado. Da última vez que nos vimos, ela me pediu um sabonete; hoje, um café com leite. E eu comprei, primeiro pela curiosidade antropológica de conhecer aquela figura carismática e depois por querer ajudá-la. Ela me disse, na ocasião do primeiro encontro, que tinha conseguido vaga num albergue e andaria até o Brás para chegar até lá; a única coisa que não tinha conseguido era um sabonete, uma gillette e um desodorante.

Bicha, que letra linda a senhora tem! Vai arrasar na capa do jornal - Não quis interrompê-la pra dizer que eu não era repórter de jornal - o que eu dizia mesmo? Ah, é! Então, gata, era isso: eu ia lá e fazia. Já fiz de tudo nessa vida! Só não matei ninguém, mas de resto... Vão fazer 13 anos que estou nessa vida e me pergunto como não morri ainda.

Nesse momento ela parou e olhou pra rua. Segui seu olhar e não vi nada além do trânsito que cruza a Rua da Consolação com a Avenida Paulista, mas acho que Bianca viu muito além disso. Essas pausas (aliás, muito frequentes durante a conversa) me davam tempo de anotar tudo no caderninho de bolso, enquanto ela esperava pacientemente, sorrindo ao me ver escrevendo, e continuava a contar um pouco da sua vida, das tantas histórias que a rua lhe trouxe. Tê-la encontrado novamente foi uma feliz coincidência. Aproveitei a chance para fazer as perguntas que ficaram na minha cabeça. Minha ideia inicial era tirar uma foto e criar uma bela legenda, mas ela preferiu que só suas palavras fossem registradas.

Voltei pra casa pensando no que escreveria. Ainda que a história da Bianca rendesse uma boa crítica social sobre a pobreza e eu tivesse argumentos de sobra para criticar um governo que não ampara seu povo, não me sinto capaz de fazer isso. Deixo para os colunistas da Carta Capital.

Eu poderia também passar horas falando sobre identidade de gênero e como a intolerância e o preconceito forçaram essa jovem negra, transgênero e travesti a morar na rua, sem nunca ter tido acesso à educação básica. Mas, da minha posição de jovem universitária, temo tirar seu protagonismo e acabar caindo nos chavões do feminismo branco que pouco acrescentariam a esse texto.

Eu deveria falar sobre o que representa olhar de desdém dos fregueses da padaria em que sentamos para tomar o café, vigiando minha bolsa e medindo Bianca de cima a baixo como se a qualquer momento ela fosse me assaltar, constatando o que pra eles parecia inevitável. Isso não aconteceu, para o desespero dos meus indesejáveis espectadores, mas fiquei com vontade de confrontá-los mesmo assim.



No entanto, decidi por não falar, não opinar, quero apenas transmitir o que me foi dito. Meu gesto não foi um ato de extrema benevolência ou, na pior das hipóteses, uma tentativa desesperada por ganhar likes no Instagram. Na verdade, o pão na chapa e o pingado não valem o preço da lição que aprendi com nosso breve bate-papo, conhecimento que nem a faculdade, muito menos seus professores doutores puderam me passar.

Mesmo que Bianca não saiba ler o que escrevi a seu respeito, deixei com ela meu caderninho. Talvez eu não mais a encontre pra dizer o que ficou dessa conversa e agradecê-la por sua simpatia e sabedoria. Deixo então para o leitor, e qualquer um que se proponha a fazer jornalismo um dia, seus ensinamentos:

Humildade. Essa é a diferença entre uma pessoa que chega pra ficar e a que vai embora rápido. Eu não tenho nada além da roupa do corpo e minhas sacolinhas, mas perto de muito gente nessa avenida que passa com o nariz em pé, sem ver os outros, acho que tenho até muito. A gente tem que saber falar, mas principalmente tem que saber ouvir. Quem só escuta o que quer, acaba perdendo o que a vida tem de melhor pra dizer.

Uma entrevista inspiradora

Carolina Marins

A primeira entrevista ninguém esquece. A minha foi por telefone com um médico renomado em síndrome de Down. Histórias envolvendo entrevistas não costumam faltar. Como a vez em que conversei com um ex-reitor da USP que só falava de olhos fechados, ou com um professor que ria por tudo. Mas a minha entrevista mais marcante não foi a primeira. Foi com outra jornalista. E não era qualquer jornalista, pelo menos não para mim.

Formada na ECA, repórter especial da Folha de S.Paulo, correspondente internacional, possui uma coluna sobre política e economia internacional, cobriu a epidemia de Ebola, esteve em campos de refugiados fugidos do Estado Islâmico... Enfim, a Patrícia Campos Mello é tudo aquilo que sempre sonhei ser no jornalismo. Pode imaginar a minha surpresa ao descobrir que teria que convidá-la para a 2ª Semana da Jornalismo Júnior.

Já dava para imaginar que essa seria uma ótima peripécia, quando a própria Patrícia ligou na minha casa. “Oi, esse número me ligou várias vezes essa semana, mas não estava em casa...”. Meu Deus, era ela! Depois de conseguir mais essa palestrante para compor uma mesa incrível ao lado de Leão Serva (que eu também tinha convidado e entrevistado) e Bruno Paes Manso, foi a vez de combinarmos um dia para conversarmos. Por favor, me convide para ir à Folha, me convide para ir à Folha... “Você pode vir aqui na Folha?” Claaaaro!

Não era a primeira vez que entrevistaria alguém, mas era a primeira vez que seria com uma jornalista com tanta experiência, que tanto me inspirava e, principalmente, era a primeira vez que iria à uma redação. Combinamos em uma quarta-feira às 15 horas.

Sou de um distrito rural da cidade de Cotia. Literalmente, vim da roça. Como 2015 foi o meu primeiro ano morando em São Paulo, era comum eu me perder no metrô. Quase confiei no Google Maps e desci na estação República. Andaria muito se fizesse isso. Graças a uma veterana, soube que precisava descer na Santa Cecília. Mesmo vendo no mapa que não era muito longe da minha casa, resolvi sair uma hora antes porque eu sempre me perdia no metrô. Nesse dia eu não me perdi. Desci na estação certa e andei na direção exata. Resultado? Cheguei 40 minutos antes. Fiquei sentada em frente ao prédio da Folha de S.Paulo, lendo e relendo as quase 20 perguntas que tinha elaborado.

Posso imaginar a expressão de espanto e admiração que estava em meu rosto quando entrei na Folha pela primeira vez. Ela me esperava em frente ao elevador. Comecei a olhar para todos os lados da redação. Ah! A editoria de Mundo fica ali... Olha a Ilustrada... Poder... “Já esteve numa redação antes?” Respondi que aquela era a primeira vez. “Então vamos conhecer”. Fizemos um tour pela Folha de S.Paulo antes de pararmos para tomar um café enquanto eu a enchia de perguntas.

Conversamos por quase uma hora sobre coberturas de guerra, refugiados, escravos sexuais do ISIS, Ebola e mulher no Oriente Médio. Outro episódio dessa peripécia aconteceu no meio da entrevista, quando duas moças aparecem procurando pela Patrícia. Ela tinha acabado de ganhar um prêmio do Portal Comuniquese. Uma pausa na entrevista. Acho que fui fotografada junto com ela.

O evento da Jornalismo Júnior aconteceu duas semanas depois. Eu precisava

recebê-la. A Biblioteca Brasileira (onde estava acontecendo) não existia na época que ela estudou na ECA. Combinamos, então, de nos encontrarmos no departamento de jornalismo e de lá eu a guiaria até o evento. Deu tudo certo. As palestras foram ótimas. Três grandes jornalistas falando para estudantes sobre como era cobrir conflitos armados. Embora não tenha estômago para ver essas coisas, foi durante esse evento que tive certeza que internacional era o jornalismo que mais gostava, talvez com foco em Oriente Médio. Estou estudando essa possibilidade ainda.

No fim, a Patrícia me desejou boa sorte, falou para entrar em contato sempre que precisasse e se foi. Mas não sem antes aumentar um pouco mais a minha admiração pelo seu trabalho. Depois daquele dia, várias outras pessoas começaram a falar o quanto acharam a Patrícia Campos Mello uma jornalista incrível. “Quero ser como ela”.

O jornalismo brasileiro tem dado as suas capengadas. A internet acentuou o lado sensacionalista que sempre achamos estar apenas em Datenas e Rezendes. Manipula-se a manchete, escolhe-se fotos de caráter duvidoso, informa-se pela metade, usa-se juízo de valor em coberturas políticas, espalha-se boatos. Essa forma antiga de fazer jornalismo está em decadência. Dizem que o jornalismo morreu.

Mas então surgem Patrícias, Brunos, Servas, Brums, Cacos, Sakamotos... Surgem jornalistas que ainda dão a sua cara a tapa, que chegam na Folha e dizem que querem ir à África, no epicentro da epidemia de Ebola, porque o mundo precisa saber o horror que está acontecendo lá. Mas não por sensacionalismo. Por empatia. Por humanidade. Jornalistas que se submetem a ouvir relatos de escravas sexuais do Estado Islâmico e depois tem que chorar escondido com as histórias horríveis que ouviram. Jornalistas de verdade. Daqueles que fazem o espírito Clark Kent continuar vivo. Para um aluno do primeiro ano, ver isso, conhecer essas pessoas, saber que é possível ser assim, é fundamental. Assim como é fundamental para o jornalismo ter profissionais que ainda queiram ser assim.

Eu a vi de novo, esse ano, no Congresso da Abraji. Ela estava falando sobre sua cobertura no Afeganistão. Nada do que eu já não sabia. Mas me surpreendi como, depois de um ano, a história dela no jornalismo ainda me inspira. Dela e de outras mulheres que também fizeram cobertura internacional, como a Adriana Carranca. Ela me viu, mas não sei se se lembrou. Com certeza houve aquele ‘já vi essa menina em algum lugar’. Infelizmente, não pude falar com ela para lembrá-la que era a Carol que nunca tinha entrado em uma redação. Queria falar também que sou uma jornalista melhor depois daquela entrevista.

“Pós-verdade” - a palavra de 2016

Danielle Costa

Na semana passada, vi a notícia de que “pós-verdade” (“post-truth”) havia sido escolhida como a “palavra do ano” pelo Oxford Dictionaries, departamento da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários. Anualmente há essa eleição. Em 2015, por exemplo, para surpresa geral, a “palavra” escolhida foi um emoji, aquele que está “chorando de rir”. Pelo jeito, os critérios utilizados são o uso, a popularidade e a relevância dos termos. Achei essa escolha inovadora e bem interessante. Mas voltemos à “pós-verdade”.

O conceito dessa palavra nada mais é de que “crenças pessoais são mais importantes e têm mais influência do que fatos objetivos em moldar a opinião pública”, resumidamente. Quando eu soube desse termo, pensei nele numa dimensão mais filosófica, fiz uma abstração maior... (O que seria essa “pós-verdade”? Uma verdade além do conceito que conhecemos? O que está acontecendo para que haja a criação desse conceito? E o que seria “verdade” então?) Mas, por agora, pensar no termo numa dimensão jornalística e midiática pode ser um bom começo (onde a palavra foi utilizada, principalmente).

Em tempos de redes sociais, de novos modos de publicar notícias, de refletir sobre os fatos, a escolha dessa palavra foi bem significativa. Podemos levar em conta esse conceito para uma reflexão sobre o jornalismo de hoje, no qual não só os fatos são importantes/relevantes, mas a opinião que geram e como são repercutidos nas redes sociais nesse novo modo de jornalismo tão colaborativo.

O exemplo principal são os posts do Facebook. De acordo com o que seus amigos e pessoas de seu interesse postam, você molda a sua opinião, por vezes sem checar a veracidade das notícias (caso seja um link postado) ou, ainda mais, se for uma simples postagem (às vezes os famosos “textões”). Grande parte dos factóides são divulgados por quem o usuário tem confiança, então isso aumenta a legitimidade da história. O Facebook tem sido a fonte primária de informação para muitas pessoas, as quais nem acessam mais portais de notícias, mas se informam e consomem notícias apenas por essa rede social.

Essa proliferação de opinião das mais diversas fontes e direções têm moldado o que sabemos. No momento atual, com a eleição de Donald Trump nos EUA, o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia (a “Brexit”) e os atuais acontecimentos políticos no Brasil, por exemplo, foram plantados muitos boatos e notícias falsas, que apelaram para preconceitos e radicalizaram posicionamentos da população. A palavra “pós-verdade” vem sendo usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Considero que está perdendo também em outras esferas.

As pessoas estão, cada vez mais, procurando ter uma opinião formada sobre os assuntos. Sim, isso pode ser muito bom, deveria ser aliás, mas, infelizmente, isso acaba caindo no maniqueísmo, no preto no branco, algumas pessoas acabam se fechando em bolhas e não abrem sua mente para ver outros lados da história, por vezes sendo até mesmo agressivas e afastando pessoas de seu convívio. Também há a questão dos algoritmos, que fazem com que notícias sejam direcionadas a você de acordo com seu interesse. Por um lado, isso é interessante para que a gente vá direto ao ponto, mas, por outro, podemos acabar nos fechando num “mundinho” só nosso. É importante que se procure saber mais, pesquisar mais

de uma fonte para ver mais de um lado da moeda. Vivemos tempos estranhos... E essa tal da “pós-verdade” tem feito com que isso se reforce (ou seria uma consequência disso?).

Isso tudo me fez pensar que esse termo leva o conceito de jornalismo opinativo ao extremo, fazendo com que opiniões “inventem” / “extrapolem” os fatos concretos. Para a imprensa, que é tradicionalmente responsável por checar os fatos e construir narrativas baseadas na realidade, isso tem sido um problema. Essa construção da “pós-verdade” já é fato e vejo como inevitável. Acho que os profissionais da área de jornalismo e afins devem se atentar muito a isso e refletir sobre como agir nesses casos. 2016 vem sendo um ano com muitos acontecimentos importantes e acho que o surgimento desse conceito poderia promover uma reflexão sobre como o jornalismo é hoje e os rumos que ele pode tomar daqui para frente.

Só jornalismo esportivo?

Diogo Magri

Há pouco tempo, conversando com um amigo sobre a dificuldade em encontrar estágios que, além de nos garantir um bom salário e um aprendizado válido, nos agradem, fui perguntado sobre a minha preferência na escolha da profissão: “Mas é só jornalismo esportivo que te interessa?”. Até então, não tinha parado para pensar exatamente sobre isso. Sempre foi meio automático.

Apesar de achar, na maior parte das vezes, injusto que a pessoa tenha que escolher boa parte do seu futuro logo aos 17 anos, a frente do seu primeiro vestibular, eu nunca fui uma vítima disso. Lá pela oitava série, enquanto me levava da escola para a casa, como fazia todas as tardes, meu pai, depois de parar o carro em um sinal vermelho, disse: “Você gosta bastante de ler e escreve bem. Devia fazer jornalismo.” Nunca mais saiu da minha cabeça. Nunca o jornalismo foi ameaçado por qualquer outra escolha de profissão. E, até hoje, depois de decepções e realidades encaradas, ainda é o que eu quero fazer na vida.

E sempre foi por causa do jornalismo esportivo. Desde criancinha, quando eu não estava vendo futebol - ou qualquer outro esporte - na TV, eu estava vendo pessoas falando sobre futebol. ESPN, SporTV, Fox Sports... qualquer coisa, desde que o assunto fosse a última rodada do Brasileirão. Ou as quartas-de-final da Libertadores. Ou os jogos de meio de semana do Campeonato Italiano. Sério, podia ser qualquer coisa. Eu olhava os comentaristas sentados na mesa discutindo se foi ou não pênalti e só pensava em querer fazer aquilo quando crescer.

Naturalmente, ao entrar na faculdade de jornalismo, meu foco foi direto na área que sempre me interessou. Seja no jornal comunitário do primeiro ano, na empresa júnior ou na agência de notícias, a primeira opção sempre foi esportes. Quando chegou a hora de se candidatar a estágios, também, o primeiro plano foi se direcionar ao sonho antigo. O estágio para jornalismo na ESPN, logo a minha emissora favorita e lugar de tantos jornalistas que admiro e programas que adoraria participar, foi o primeiro para o qual me candidatei.

Não demorou muito, no entanto, para a resposta vir. E foi negativa. Tanto para mim, quanto para o amigo com quem eu conversava no início do texto. A decepção e a tristeza vieram repentinamente. “Pronto, já era. Não existe outro lugar em que eu queira trabalhar. Ano que vem a gente tenta a mesma coisa de novo. Que droga.”

Mas a aceitação chega. Começam a surgir outras vagas de estágio que parecem interessantes. Jornalismo empresarial? Não sei, vou procurar mais. Assessoria de imprensa? Talvez, dependendo de onde é, quanto paga. Redação de revista sobre ciência? Ok, vamos tentar.

Alguns dias depois do conformismo que não trabalharia na ESPN ano que vem, surgiu a necessidade de entrevistar alguém relacionado a esportes para uma disciplina optativa da graduação. Eu e meu grupo escolhemos logo um comentarista, ex-jogador, da ESPN. Arrumamos o contato, agendamos a entrevista e, quando menos esperava, lá estava eu na recepção da sede da emissora que eu mais assisti na vida, da emissora que tinha me recusado há umas semanas, esperando o entrevistado chegar. Pude entrar na sede, pude ver figuras que sempre fizeram parte do meu cotidiano televisivo, que participavam daqueles programas dos quais eu sempre quis fazer parte. Pude até cumprimentar e falar com algum deles. Foi o ponto alto do dia. Do mês, talvez.

Não estamos exatamente em uma posição em que possamos fechar portas para oportunidades de estágios ou empregos. Mas, sim, jornalismo esportivo me interessa muito mais do que qualquer outra área. De longe. Seria essa a minha resposta para a pergunta lá de cima, depois de um bom tempo de reflexão. Trabalhar com essa minha paixão (e de tantos) seria, talvez, a única forma na minha profissão em que eu poderia dizer, com toda a sinceridade do mundo, que gosto do que eu faço.

Fernanda Giacomassi

Quando Nelson Rodrigues inventou o conceito de “complexo do vira-lata” para explicar o sentimento de inferioridade do brasileiro após a derrota na Copa de 50, ele já previa que a expressão seria amplamente provada e comprovada em todos, ou quase todos, cantos do país. O dramaturgo, como toda sua genialidade, proferia a verdade nua e crua: “Não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima”.

E se você quiser conhecer um dos exemplares que mais se encaixam nesta expressão de insatisfação constante, basta procurar qualquer estudante, profissional ou professor de jornalismo. Eita bicho reclamão, como diria Dona Laura, que mesmo tendo parido minha mãe e mais 12 crianças em um sítio no meio do nada, sempre me ensinou que quem se queixa demais, trabalha de menos.

O estudante entra no colegial e, depois de começar a receber os tiros constantes sobre o vestibular, começa a ir atrás do que fazer. Faz teste vocacional: “Eu sei lá, vou bem em redação, eu acho”. E pronto, os algoritmos logo definem a profissão perfeita para você: Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Não se deixem enganar, o nome é grande assim para te ajudar na hora de contar para a família: “Não é jornalismo... é comunicação social”.

Na segunda parte da jornada pelo universo desta profissão você se transforma em um especialista em procurar na internet a máxima do “como está o jornalismo atualmente?”. Pronto, basta apertar enter para começar o show de horrores na tela do seu computador: uma imensidão de profissionais frustrados dando depoimento de como o jornalismo foi a pior escolha de suas vidas.

Mas, como jornalista que é jornalista é um bicho curioso, além de reclamão, você insiste em prestar vestibular para a área, e passa. Para a semana de integração, a escola de comunicação normalmente chama alguns ex-alunos para falar como é a vida deles no mercado de trabalho. É unânime, não importa se a criatura trabalha na Globo, na assessoria da Coca-Cola ou é sócio de uma famosa empresa de comunicação ganhando — muito — mais do que muitos outros profissionais: ele vai olhar profundamente nos seus olhinhos empolgados de estudante e soltar o famoso “tá difícil para nossa área”.

Depois disso não para mais. Você vai ter semana sim semana não de debates sobre o fim do jornalismo. Workshops atrás de workshops de como reinventar o jornalismo. E dias após dias de pensamentos constantes martelando sua cabeça: será que é melhor, então, eu trocar de curso?

Mas, jornalista que é jornalista não desiste, porque além de ser um bicho curioso e reclamão, também somos um bicho teimoso, senão, o bicho mais teimoso. É a nossa teimosia que ajuda na hora de procurar contato de fontes no âmago de nossos mailings, tirar qualquer coisa do entrevistado, escrever aquela pauta que já caiu três vezes e aguentar aulas e aulas sobre assuntos que você acha (grande erro) que nunca vai usar na sua vida.

O problema de nós, jornalistas, é que a gente insiste em manter um pezinho no passado, naquela época dourada onde os jornais eram recheados de escritores ilustres e figurões que conseguiam façanhas incríveis, como derrubar o presidente. O saudosismo é tanto que se a gente pudesse trocar os computadores de última geração por máquinas de escrever ou canetas de pena, a gente trocava.

Aliás a internet e as inovações tecnológicas são considerados por nós os maiores vilões da profissão: criamos teorias mirabolantes de quando os robôs vão começar a dominar as redações, causando o maior e mais temido dos passaralhos.

Olhando para este jornalismo atual, que tem perdido cada dia mais a engrenagem fundamental da profissão que é a credibilidade, que tem demitido pessoas experientes para contratar pupilos do facebook e que insiste em não absorver o que o mundo novo das tecnologias tem de melhor a oferecer, dá realmente muito medo de virar foca. Viver na bolha da universidade, com nossos jornais laboratórios e empresas juniores que nunca param, é muito mais fácil.

É nestas horas de terror, onde o complexo bate com mais força em nossas portas, que

paramos para pensar porque exatamente escolhemos essa profissão. Somos jornalistas porque gostamos da sensação de dar voz à quem não tem, gostamos do poder que uma palavra pode ter frente ao inimigo, ao caos, à derrota, ou então em um momento de felicidade, e gostamos principalmente da capacidade de ajudar a sociedade a construir e entender a sua história através da informação.

É por isso que apesar de ser um bicho teimoso, curioso, reclamão e vira-lata, que fica pelos cantos reclamando de barriga cheia sobre seu emprego e sobre os dilemas da profissão, se você perguntar aos estudantes, profissionais e professores de jornalismo se eles gostariam de estar fazendo outra coisa, a resposta vai ser, sem querer generalizar mas já generalizando, um grandíssimo não.

Na última série de palestras metalinguísticas que tivemos no curso, por exemplo, por mais que os palestrantes sempre comessem falando da tal da crise, os mesmos encerravam suas falas com expressões que definem fielmente o amor que há no ato de comunicar. Cito aqui a que mais me marcou: “Construir comunicação pode ser um processo transformador para adolescentes e jovens, porque comunicação é um ato político. E quando essas pessoas se empoderam, passam a disputar narrativas”.

Mas que a gente podia parar de se lamentar um pouco, podia.



Perguntas

Uma profissão para a vida

Artur Zalewska

Tenho assistido à série *The Crown*, na Netflix, sobre a vida da rainha Elizabeth. Os cenários impressionam; a pompa e as tradições da monarquia são curiosas. A rainha não tem muito o que fazer. Cabe a ela ler uma caixa de documentos do governo todo dia. Mas não pode fazer nada sobre eles. Todas as leis que são aprovadas pelo parlamento passam pela rainha, para que ela dê o seu royal assent. Entretanto, a última vez em que um monarca britânico recusou o royal assent foi em 1708. O consentimento real, portanto, é um exercício inútil, uma tradição sem muito sentido, como, de resto, é a própria monarquia.

Os dramas da série são, em grande parte, bobinhos: o nome da casa real torna-se um tema sério, gerando palpites e conselhos do primeiro-ministro, de duques e de outros frequentadores da corte. A questão é se, com a ascensão de Elizabeth ao trono, o nome da família real se tornaria Mountbatten, o sobrenome do príncipe Philip, ou permaneceria sendo Windsor. Outra questão premente é se Philip e Elizabeth poderão continuar morando em Clarence House, cuja reforma ele coordenou pessoalmente, ou se terão que se mudar para o palácio de Buckingham.

O hobby do príncipe Philip (alguém que tem ainda menos o que fazer que a rainha) é outro dos assuntos da série. Philip quer aprender a pilotar aviões, mas o primeiro-ministro Winston Churchill se opõe à prática, considerada muito perigosa. A rainha precisa vir à defesa de seu marido e se impor para garantir que os voos recreativos de Philip não sejam interrompidos.

Algo curioso na vida de Elizabeth é a falta de escolha que ela teve, já que a profissão dela estava definida desde quando era criança. Ser rainha é uma obrigação, mas também, de certa forma, um conforto. Àquela pergunta tão comum, “onde você se vê daqui a 10 anos?”, Elizabeth certamente teria a resposta na ponta da língua: “Continuarei morando no palácio de Buckingham e continuarei sendo a rainha”.

Em geral, ninguém nos dá uma profissão quando nascemos. Dessa forma, somos mais livres do que a rainha para decidir os rumos de nossas vidas. Mas, se por um lado, ela não teve muita liberdade para escolher o que faria da vida, também teve a vantagem de não passar pela angústia e pelas dúvidas de ter que tomar decisões sobre qual carreira seguir e sobre onde morar.

Como a maioria das pessoas, a rainha não pode decidir sobre grandes campanhas militares, não interfere de forma alguma na legislação e não tem influência sobre o governo, ao contrário dos reis de muitos séculos atrás, que tinham poder de verdade. Hoje, a vida da rainha é tão ou mais sem graça do que a dos plebeus de classe média, mas toda a tradição, a pompa e os cenários bonitos que a cercam permitem que ela possa ser assunto de uma série da Netflix, ao contrário da maioria de nós.

Escuridão além do olhar

Mariana Mallet

Metrô de São Paulo, linha vermelha, 6h30 da manhã. O andejar de milhares de pessoas, desorientadas ainda com os olhos pastosos nos primeiros minutos de clareza, contrapunha-se ao empurra-empurra esgoelante para garantir um lugar no vagão. Fazia frio e, honrando o apelido da cidade, uma garoa ardida agulhava São Paulo. Posso garantir que, para estar a esse horário no metrô, é preciso ter paciência, e muita. Acotovelam de um lado e espremem de outro, enquanto uma fila de idosos, gestantes e deficientes dirige-se, não menos afoita, ao vagão preferencial.

Estação Brás. Entra uma moça negra, em torno dos trinta e tantos anos, com o crachá de deficiente pendurado no pescoço. Mesmo sendo preferencial, não havia espaço nem para aqueles que desejassem coçar o nariz e, seguindo a manjada Lei de Murphy, o horário mais cheio é aquele em que as falhas ocorrem. Durante aquele anda-e-para entre as estações, a moça esbarra em um homem cego que, nada contente com ocorrido, retruca:

-- Sua folgada, vai esbarrar na mãe!

A moça respira fundo e ignora, a princípio. O homem continua:

-- Essa gente espaçosa, não tem noção, fica batendo nos outros, pelo amor de Deus!

Já com o sangue subindo à cabeça, a mulher, tentando manter o controle, fala:

-- Foi sem querer. O senhor não tá vendo que o metrô tá lotado?

-- Não, não tô vendo. Não sei se você reparou, mas eu sou cego! Cego! - grita o homem e, no meio da balbúrdia, uma senhora, dirigindo-se ao cego, se intromete:

-- Querido, ela é preta, ela é preta!

A mulher era acompanhante do homem cego. Já passava pela casa dos quarenta, os cabelos tingidos de um vermelho escandaloso e os dentes um tanto saltados. Com uma voz exageradamente fanha, continuava a berrar para o cego:

-- É por isso que ela é folgada, querido. Ela é preta!

-- Sua preta fedida, sai de perto de mim! - respondeu o homem, dirigindo-se à moça que já tinha perdido completamente a paciência.

-- Seus racistas, deixa eu sair dessa muvuca para vocês verem se não levo para a delegacia!

Nesse momento, a mulher já estava com as mãos apertadas uma contra outra e o rosto totalmente avermelhado. Em meio a essa troca de elogios, um engraçadinho grita do fundo do vagão:

-- Ela vai acusar um cego de racismo!

Foi então que a briga parou de focar-se apenas entre a moça e o cego e voltou-se para a moça e a outra mulher. A última continuava a berrar apelidos e xingamentos racistas, com o total apoio do homem. Ninguém se manifestava além de alguns abelhudos que faziam comentários zombando da situação e dando risadinhas. Estação Sé. A moça, de cabeça baixa e com o maxilar cerrado, dirigiu-se à saída. Foi quando, então, a mulher fanha deu-lhe um empurrão. As portas apitaram, o vagão fechou-se.

Nada aconteceu. Milhares de pessoas encontrando-se no mesmo lugar, com rumos e caminhos diferentes. Continuavam a perambular, almas acordadas de seus sonhos profundos. Os primeiros raios de sol começavam, nos primeiros suspiros, a entrar pelas janelas do metrô. Mais um dia na cidade de São Paulo.

Nara Siqueira

Michel apareceu de sandálias com velcro gasto, a calça no meio da canela, o rosto cheio de remela, a boca repleta de pedacinhos de bolacha Maizena, a qual fora, inclusive, o cardápio do almoço do dia. Dona Fátima, mãe de duas meninas e avó de onze netos, não conseguira transformar tecido em dinheiro suficiente para sustentar toda sua gente aquela semana. É costureira, trabalha em casa, faz o que dá.

Faltava arroz, leite e pão. Era esse o motivo de eu estar em frente a sua casa agora, aliás. Ligou pedindo socorro. Precisava dar de comer aos pequenos. Fui com minha mãe.

Assim que nos viu chegando, o menino desceu as escadas correndo.

Michel trazia consigo o ar curioso e cabreiro que acompanha a chegada do desconhecido. Quem seriam essas duas mulheres em frente à sua casa? Provavelmente não sabia, há muito não nos via. Entretanto, de certa maneira, a inocência daquela criança, no alto dos seus três anos, transmutava qualquer pé atrás em esperança.

Eu acabara de chegar de São Paulo e a conversa do dia anterior ainda produzia ecos. Eram três mulheres determinadas, autênticas, fortes; claro, jornalistas. Sentadas de frente a uma classe de alunos - curiosos, cabreiros, esperançosos - falavam sobre imprensa alternativa, comunicação como ato político, falhas e erros, técnicas necessárias, dias melhores. Toda conversa sobre profissão gera reflexões engraçadas, trágicas, grandes. Talvez porque haja gente por aí dizendo que esse ofício vai morrer e é muito mais difícil aprender a perder do que a ganhar. A abundância não traz tantas preocupações como a escassez. E, em tempos de migalhas, somos obrigados a parar, repensar, agir, transformar.

Quanto menos claras as coisas ficarem, mais fácil de você seguir o padrão, disse uma das moças ao encerrar sua fala. É. Enquanto tem comida boa e bebida gelada, a gente segue a música. As luzes apagadas nem importam tanto. Não é bom, nem ruim; só é. Quando faz-se o dia, porém, e tomamos consciência do lugar em que nossos pés sacolejaram a noite toda... Um precipício.

O que é isso? questiona Michel, estancando minha divagação.

Um carro, digo.

Carro? Não é não. Carro é aquilo ali, ó. E vai para perto da velha Brasília caindo aos pedaços que tem dentro da garagem. É aquela sua referência de automóvel, afinal.

Coloca as mãozinhas na roda dianteira e observa-a cuidadosamente. Os pequenos olhos pretos brilham, mas de um jeito meio receoso. Parece ser a primeira vez que vê uma roda daquele tamanho e, apesar de muito querer, demonstra um pouco de medo de se aproximar. Tendo certificado que estava tudo bem, abre um sorriso e diz:

Ela é muito grande, né, tia? Igual minha barriga depois do papá.

Maior era a angústia que agora eu sentia. É, meu menino. Muito grande. Assim como a lucidez que você, na maturidade dessa sua terceira primavera, conseguiu colocar nesse precipício que nos separa.

Não que eu queira. Jamais.

É que a injustiça do mundo também é grande, Michel.

Mas dias melhores virão. Pra você, pro jornalismo. Ela me prometeu noite passada.

Amanhã o papá será arroz, feijão e carinha. E sua barriga vai ficar grande outra vez, mas, agora, maior que a roda.

O que vai ser quando crescer?

Vinícius A. Sayão

Novembro. Mês em que milhões de estudantes estão prestando vestibular. Do alto dos seus 18 anos (talvez um pouco menos, talvez um pouco mais), têm a difícil tarefa de apontar de maneira precisa qual profissão querem seguir. Pode ser que eles ainda não saibam, mas o curso de formação não significa sua profissão. Há tantos caminhos depois. Porém, enquanto se está escolhendo, até mesmo cursando, parece que aquilo deverá ser seu trabalho pro resto da vida. Talvez só descubram que não é bem assim quando se formarem. Se se formarem. Afinal, o caminho até receber o diploma é cheio de dúvidas.

E se errar? Como largar? Como voltar atrás para a vida de vestibulando, como escolher outro curso, como estudar tudo novamente, como prestar provas complicadas e concorridas de novo? Afinal, essa batalha já havia sido vencida... o melhor, então, é continuar? Ir carregado pela onda até chegar a hora de se formar? E depois de se formar?

Quantos jornalistas de formação não são jornalistas de profissão? Inúmeros. Mesma coisa com os engenheiros. Nem todo empresário, dono do próprio negócio, fez administração. Sem um dado específico não dá pra dizer, mas devem ser poucos os que fizeram. Mesmo sabendo disso, o futuro é incerto, não tem como saber agora qual é a melhor decisão para o futuro. Ir vivendo e tentando é uma saída. Mas é tão difícil voltar atrás...

Parece que a melhor alternativa mesmo é deixar pra escolher a “profissão” o mais tarde possível. Não escolher tão cedo no ensino médio e deixar essa ideia fixa. Quanto mais aberta a cabeça na hora, melhor. Ter sempre um leque amplo de possibilidades, mesmo que algumas sejam mais remotas que as outras. Avaliar, conforme o tempo passa, quais são suas vontades, seus gostos, seus hobbies. Aliás, os hobbies podem muito bem ser uma profissão também.

E se errar? Não é hora pra fingir, não tem problema voltar atrás e tentar outra coisa. Há tantos caminhos. Seguindo em frente ou voltando atrás. E o que são cinco anos de faculdade perto dos cem que temos para viver?

Nem o irreal é para todos

Laís Ribeiro

Recentemente, eu estava passando por um desses momentos de abstração mental em que a gente só encara o computador, a fim de esquecer os desgostos enfrentados no dia. Cruzaram a minha tela imagens, gifs, vídeos e piadas (os famosos memes), mas o que me chamou mesmo a atenção foi uma reflexão inocente que comentava o seguinte: já reparou como alguns lugares comuns do dia a dia tornam-se, durante a noite, ambientes um tanto surreais?

Postos de gasolina vazios nas altas horas da madrugada, mercadinhos 24 horas quando só você e o caixa se encontram lá dentro, um vagão de metrô no qual sua companhia se resume aos bancos e à velocidade disforme da escuridão passando pela janela... Como uma pessoa desde sempre atraída pelo fantástico, aquela lista de reminiscências alheias acendeu uma lanterninha na minha cabeça, cavocando quaisquer recordações próprias que remetessem a um sentimento desse tipo.

Lembrei de uma noite em que voltava para casa e peguei uma lotação completamente vazia de passageiros, à meia-noite e meia. Também houve uma ocasião na qual caminhei pelos corredores vazios de uma pousada logo antes do amanhecer, em um estado de letargia típico dos despertares longe de casa. Duas experiências que admito ter estimado, graças à atmosfera libertadora de solidão temporária que bate nessas horas. E, por isso mesmo, fui tomada por uma inquietação curiosa.

Como é que eu conseguia ali, com toda a força do cérebro, um total de apenas duas lembranças, enquanto a lista com que tantos se identificavam se estendia até o vigésimo item? Em um primeiro momento, poderia culpar a mim mesma por não investir nessa prática, ser aquela pessoa que não encara as viradas de noite e fica em casa, enfim, ser aquele exemplo do que não fazer para aproveitar a juventude. Só que aí, nos comentários da tal publicação, encontrei alguns parceiros que compartilhavam do meu sofrimento.

Ou melhor, parceiras. Quer dizer, não havia como dizer se todos os comentaristas anônimos ali eram mulheres, mas a maioria fazia questão de deixar isso claro. Fazia sentido, já que o encanto com a capacidade camaleônica da percepção humana se transformou em discussão de igualdade de gênero. E, puxa, acabei levando um beliscão virtual ao perceber a lógica no que aquelas vozes invisíveis diziam.

Por que eu não tinha mais lembranças sobre aquela sensação do surreal? Porque eram sempre lugares vazios e à noite. E por que eu não estava sozinha nesses lugares e nesse horário? Por causa do medo de ser mulher e sofrer algum tipo de violência. Oras, mas e a lotação em que eu fui passageira solo até minha parada? Ah é, esqueci que estava ali só por necessidade, e minutos antes, na espera do ponto de ônibus, o coração tinha subido até a garganta. Chego a pensar que talvez até andar pela pousada não foi a melhor das ideias...

Com um suspiro, desliguei o computador e fechei a tela. Pelo menos todas as preocupações menores do dia tinham sido varridas embora - pela angústia certa de mais uma privação causada pela sociedade.

Acho que, hoje, vou assistir TV.



Decisões

Um mapa e uma feira

Anderson Gomes

Ao entrar na faculdade, dentre tantas perguntas respondidas sobre minha vida, uma me chamou bastante atenção por eu tê-la achado, de certa forma, peculiar foi “Qual é o seu mapa astral?”, eu já tinha respondido diversas vezes qual era o meu signo, mas mapa? Não sabia nem do que se tratava. Aprendi a fazer o tal do mapa e descobri que quase tudo ali era capricórnio, minha vida mudou completamente... Não, na verdade não mudou nada.

Desde que divulguei o famigerado mapa astral os julgamentos vieram -julgamentos de brincadeira, espero- “frio”, “controlador” e “mão de vaca” eram algumas das definições atribuídas a mim. Logo eu, que sempre tive que ouvir minha mãe perguntar onde eu iria guardar as novas sagas adquiridas em promoções relâmpagos nos sites e que até hoje tenho umas três sagas embaladas, da mesma maneira que chegaram até mim, só esperando aquele momento especial em que não terei nada pra fazer e poderei lê-las.

Nunca fui uma pessoa descontrolada em compras, mas também nunca fui controlador quanto a meus gastos, achava necessário, comprava, por mais que esse necessário fosse questionável, ele era, de certa forma, real no momento da compra.

Passados quase dois anos da descoberta de minhas características astrológicas chegou a feira do livro da USP 2016, segunda desde que entrei na ECA e primeira em que eu havia me preparado para ir. Já tinha pensado em diversos livros para comprar e ler em um momento que tudo estivesse mais tranquilo. Novamente sou obrigado a ouvir minha mãe questionar onde eu guardaria esses livros e quando os leria, realmente, algo a se pensar. Em algum momento do dia abro o facebook e vejo uma publicação em tom de brincadeira, de uma pessoa que nem tenho tanto contato, demonstrando como era um capricorniano no shopping, na imagem havia uma pessoa pensativa olhando uma prateleira com muito entusiasmo, no final ela ia embora feliz e sem levar nada. O que realmente me chamou atenção nessa publicação foi a legenda que a acompanhava “Um capricorniano na feira do livro da USP”. Ao ler aquilo confesso que pensei “bem que essa história de signo podia ser real”.

Decidi então ir no último dia da feira com dois amigos, mas decidi ir de um modo diferente do planejado, não iria para comprar nada, a não ser que fosse algo absurdamente necessário, o que eu sabia que não haveria ali. Decidi dessa forma ir a feira incorporando um personagem, um personagem capricorniano, um personagem que, segundo a astrologia e meus colegas, devia ser eu mesmo. Chegando a feira já me deparo com livros de Star Wars e As Crônicas de Gelo e Fogo na entrada, alguns livros com capa dura com um “edição limitada” estampado nas etiquetas, os olhos brilhavam e eu apenas focava em mentalizar e acreditar “não conseguirei lê-los, ano que vem estarão aqui de novo”. Observava ao meu lado um amigo comprar diversos livros que olhava, histericamente ele observava as promoções e tentava escolher o que mais queria dentre eles, gastos, gastos e mais gastos. E eu ali, observando e tentando ao máximo não ficar tentado com nenhuma compra. Talvez por eu estar com meu outro amigo que só estava ali para nos acompanhar eu tenha conseguido me controlar melhor, fato é que, saí daquela feira, incrivelmente, da forma como entrei, nenhum real a menos, nenhum livro

a mais.

Ao final do dia eu lembrava dos livros que podia ter comprado naquela feira com descontos muitas vezes tão bons e olhava para meus livros ainda fechados tentando me consolar, pensando que ainda terei entretenimento por um longo período.

Passada a tristeza de não ter adquirido nenhum livrinho novo, parei para analisar a situação e cheguei a conclusão de que, se é pra salvar a conta bancária e o espaço que ainda resta no quarto de um universitário, seguir o mapa astral e fingir que acredita um pouquinho na astrologia pode até ser vantajoso. Quem sabe daqui pra frente eu não me torno um pouco mais capricorniano.

Com açúcar, por favor

Gabrielle Yumi

Certo dia, conversando com um amiga alguns anos mais nova e que havia acabado de ingressar no ensino médio, o assunto vestibular veio à tona. Foi com certo desespero que ela desabafou, dizendo que estava nervosa, aflita, e ansiosa sobre as responsabilidades que aquela nova fase de sua vida lhe traria. Que ela não estava preparada para aguentar a pressão e o peso das escolhas que teria que tomar a partir de então. E não sabia qual curso escolher para cursar quando entrasse na faculdade. Ela tem somente 15 anos. Cumprindo o meu papel como amiga mais velha, mais experiente, e que está cursando o quarto ano e último ano da faculdade, garanti a ela que estava tudo sob controle. De que cada coisa tem o seu próprio tempo, e preocupar-se antes da hora de nada adiantaria. Confesso que esta conversa me marcou muito.

Acho que já foi mencionado a maneira como eu cumpri o meu papel de amiga mais velha, experiente, e que está cursando o quarto ano da faculdade. Meias verdades. Eu sou mais velha? Isso sim, sem sombra de dúvidas. Os números estão aí para comprovar. Mais experiente? Talvez. Mas prefiro acreditar que sim. Estou cursando o quarto ano da faculdade? Sim. O último? Não. Obviamente não foi uma escolha minha atrasar a graduação propositalmente.... Ou talvez tenha sido. Afinal, serão mais alguns meses (ou anos) perdidos, um tempo em que eu poderia estar me dedicando à outras atividades ou até mesmo descansando após quatro longos anos de faculdade. No entanto, aquele dia que eu deveria estar fazendo trabalho ou estudando para prova, eu decidi assistir àquele seriado maravilhoso que havia acabado de lançar na Netflix. Enquanto eu poderia estar lendo um texto, eu estava em um barzinho me divertindo com meus amigos. Na hora somente senti um leve peso na consciência e o famigerado arrependimento por ter procrastinado nas minhas obrigações acadêmicas. O resultado dessas escolhas foram sentidas quando abri o JupiterWeb e deparei com um reprovado por nota no resumo escolar. Paciência. A reprovação foi um fruto de minhas próprias escolhas.

Somos obrigados a tomar decisões diariamente em nossas vidas. Desde a escolha entre um café puro ou com açúcar, até a escolha entre dois candidatos em uma eleição cujo resultado pode afetar o mundo inteiro. Aí eu me lembro da conversa que tive há algumas semanas com a minha amiga e do conselho que eu dei para ela. E eu penso em como até hoje não sei se fiz a escolha certa ao selecionar a opção “Turismo” quando fiz a inscrição para a Fuvest, quatro anos atrás. Penso se, se naquela época eu tivesse uma amiga mais velha para me acalmar e dizer que estava tudo bem, eu estaria onde estou agora: na frente do computador de um escritório na Faria Lima, usando minha hora do almoço para escrever essas linhas.



Amor

Letícia Fuentes

Eu tinha apenas 10 anos quando odiei meu corpo pela primeira vez. Lembro-me bem: eu, nua, passando as mãos pelos braços, pelas pernas, pela barriga e cintura. O choro entalado na garganta. Fiquei analisando minha imagem refletida no espelho por alguns segundos, não mais do que isso. A repulsa que senti não me permitia continuar olhando. “Preciso perder peso”, pensei. Vestindo a roupa, sentia na boca com ódio o gosto do pedaço de bolo de cenoura com calda de chocolate que havia comido horas antes.

Naquela noite, não jantei. O estômago roncava, mas a culpa causava um enjôo que matava-me o apetite. Dormi sentindo fome, não comi nada quando acordei. Na hora do almoço, enfiei goela abaixo uma salada de alface e tomate para enganar o estômago, e assim aguentei até o dia seguinte. Ao fim de uma semana, havia perdido mais de cinco quilos.

Passava tantas horas sem comer que era possível sentir o ácido clorídrico corroendo as paredes do estômago. Mal tinha forças para permanecer acordada, a cabeça doía e não conseguia prestar atenção nas aulas. Provavelmente desenvolvi gastrite naquela época; mas não sei ao certo, pois nunca procurei um médico. Evitava ao máximo queixar-me à minha mãe, já que ela não poderia descobrir minhas tentativas desesperadas de emagrecer. Consegui esconder por cerca de um mês, até que desmaiei durante uma apresentação do coral por falta de energia e ela acabou percebendo que algo não estava normal.

Dos 11 aos 15 anos, segui todos os tipos de dietas mirabolantes já inventadas, e tão rápido eu perdia alguns quilinhos, ganhava outra vez. Hoje consigo enxergar a gravidade do meu comportamento. Tinha discussões absurdas com minhas amigas sobre técnicas de emagrecimento, como passar a maior quantidade de horas sem se alimentar, quais desculpas usar para não comer em jantares de família, entre outras coisas. O choque de realidade só veio, porém, quando peguei-me navegando por um blog que ensinava meninas a desenvolver transtornos alimentares. Nele, várias jovens compartilhavam experiências chocantes de como conheceram a “Ana”, um codinome que elas usavam para fazer referência à anorexia.

Após terminar de ler, desliguei o computador e comecei a chorar. De repente, vi minha vida passando diante dos olhos e percebi que havia perdido a juventude para a publicidade e a ditadura da magreza. Pensei em quantas coisas deixei de fazer, quantos lugares não pude conhecer ou quantas vezes me privei do prazer de experimentar alguma comida só para satisfazer um padrão estético. Lembrei-me de minhas amigas e das histórias que elas contavam sobre suas outras conhecidas, ou de tantas desconhecidas que sabiam como “encontrar a Ana”. Mulheres, jovens, meninas, adultas. Quantas já haviam passado por isso? Todas infelizes com seus próprios corpos, procurando alguma migalha de aprovação da sociedade, já que foram educadas assim.

A partir daquele dia, comecei a pensar mais a respeito disso. Por que deveria mudar? Por que me sentia tão incomodada com quem eu era? E como não percebi que a culpa não era minha por ser assim? Nos dois anos seguintes, passei por momentos de altos e baixos. No entanto, sentia que a primeira chama, ainda que tímida, de um longo processo de afirmação da minha identidade enquanto mulher já estava acesa.

Eu já tinha 18 anos quando amei meu corpo pela primeira vez. Quando repeti a mesma cena de oito anos atrás, em frente ao espelho, e não senti nada além de uma felicidade contagiante por estar ali. Não houve desconforto, não desviei o olhar; apenas passei alguns minutos admirando todas as partes do meu corpo, que antes eu enxergava como defeitos, mas que ali representavam apenas mais uma parte de mim. E, quando percebi, um sorriso escapou-me por entre os lábios.

Já havia amado alguém, já havia sido amada por alguém, mas nunca me havia amado de tal forma. O amor mais simples, sincero e completo que já vivi.

Notas sobre o fim

Marina Fornasier

Em tempos de imediatismo, até a superação tem que ser imediata. Não se atravessa a fase do luto, tudo precisa ser superado logo, não temos tempo para o sofrimento, pois ele nos deixa improdutivos, inadmissível na sociedade em que vivemos hoje. A vida não nos deixa esquecer e, ao mesmo tempo, não nos deixa sofrer. Dizem-nos: “você precisa desaparecer da vida do(a) seu(sua) ex-namorado(a)” e eu pergunto: “como?” Redes sociais nos fazem lembrar o tempo todo que a pessoa está ali, vivendo sem você e você pode acompanhar todos os seus passos sem querer. Feliz a minha mãe que não tinha internet para stalker meu pai durante os quatro meses em que ficaram separados em meados da década de 1990.

E eu? Ou me isolo do mundo ou espero na angústia de conseguir esquecer e seguir em frente assistindo à vida dele continuar, assim como a minha. Hoje em dia é muito difícil sumir da vida de alguém, os obstáculos são vários, Facebook, Instagram, WhatsApp, Snapchat. Mesmo que você exclua a pessoa, ela ainda continua na sua timeline, através de amigos ou coisas em comum. O rompimento do vínculo não é nada fácil e, com todos esses agravantes, torna-se cruel.

Mantemos relacionamentos, muitas vezes, por medo da solidão, que, ao mesmo tempo, parece impossível hoje em dia. Somos monitorados o tempo todo, podemos conversar com pessoas a oceanos de distância. Talvez esse contato que não seja suficiente, seu caráter abstrato não supre as nossas necessidades de estar com pessoas e ter pessoas, é o Amor Líquido, de Zygmunt Bauman. Ele diz: “Afinal, que tipo de conselho eles querem de verdade: como estabelecer um relacionamento ou - só por precaução - como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa? Não há uma resposta fácil a essa pergunta, embora ela precise ser respondida e vá continuar sendo feita, à medida que os habitantes do líquido mundo moderno seguirem sofrendo sob o peso esmagador da mais ambivalente entre as muitas tarefas com que se defrontam no dia a dia.” Às vezes a gente só quer tempo e espaço para digerir os fins.



Política

A valsa da história

Carla Camila Garcia

Na manchete de um portal de notícias alemão se lia “bairro de Berlim é evacuado por bomba da Segunda Guerra”. A matéria apontou que pelo menos 500 pessoas tiveram de deixar suas casas e que o artefato estava em uma área próxima a um asilo, um jardim da infância e um hospital. O texto seria absolutamente corriqueiro, não fosse o fato de ter sido escrito 70 anos depois do fim da guerra. A história, diferentemente do que nos ensina o pragmatismo escolar, é assim mesmo, não linear. A verdade é que ela não se sujeita aos conceitos temporais sintéticos de começo, meio e fim. O passado está presente e nós o desenterramos todos os dias. Figuras políticas como Bolsonaro, Trump, Merkel e Le Pen estão aí para provar.

Gabamo-nos do nosso progressismo, como se a história nos tivesse ensinado a sermos melhores:

Graças às duas grandes guerras, temos a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Um passo para frente. Pessoas continuam morrendo de fome em países da África em nome de um sistema econômico excludente, um passo para trás.

Superamos a Guerra Fria e os muros ideológicos e físicos caíram. Um passo para frente. Elegemos representantes que querem restabelecer antigas fronteiras e criar outras tantas novas. Um passo para trás.

Entendemos, depois do Nazismo, que o nacionalismo exacerbado pode levar ao genocídio. Dois passos para frente. Permitimos que todos os dias navios de imigrantes afundem, levando seus sonhos e corpos para o fundo do mar. Incontáveis passos para trás.

Não nos enganemos! A marcha da história não segue apenas em uma direção, ela também pode ser cíclica. O passado não apenas molda o presente, ele é o presente. Cuidemos para que não seja o futuro.

Ocupar as ruas, ocupar a História

Erik Akio Higaki

As ruas dos grandes centros urbanos são arenas dinâmicas de disputas e dotadas de múltiplos sentidos. São as artérias das cidades rebeldes: o principal instrumento de luta pelo direito à cidade. Em junho de 2013, presenciamos a ascensão da ocupação de rua como método legítimo de mobilização. Desde então, atribuímos um novo sentido aos protestos e as ruas das grandes cidades brasileiras se tornaram cenários de confrontos intrigantes. E mais: na medida em que os problemas sociais, políticos e econômicos se agravaram, os métodos se radicalizaram e surgiram novas formas de manifestação. De forma nítida, sentimos no nosso cotidiano como as cidades se reinventam e como isso implica na nossa própria reinvenção.

Seis de junho de 2013: cerca de dois mil jovens se reuniram próximo ao Teatro Municipal de São Paulo para o primeiro ato contra o aumento da passagem do transporte público. Convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL), a primeira manifestação ficou conhecida como um “encontro dos amigos”, pois os manifestantes - inclusive eu -, em sua maioria, eram jovens universitários e militantes de movimentos sociais e partidos de esquerda. Deixo claro desde já: os militantes de esquerda e as bandeiras vermelhas estavam presentes desde o primeiro ato e, arrisco dizer, foram os que mais sofreram com a repressão policial. É importante reforçar isso, pois os últimos atos desse movimento foram marcados por um grande rechaço aos partidos de esquerda.

O MPL adotou, assim como em anos anteriores, a estratégia de convocar atos centralizados e em dias próximos. Os três primeiros, ocorridos em 06, 07 e 11 de junho, contaram com um aumento modesto na quantidade de pessoas e seguiram um padrão semelhante: cerca de duas horas e meia de caminhada e repressão policial no final, para dispersar os manifestantes e liberar importantes vias. No quarto ato, do dia 13 de junho, no entanto, o padrão foi rompido com uma nova estratégia de repressão. Do início ao fim, a Polícia Militar se empenhou, de forma muito violenta, em dispersar os manifestantes. Presenciei, literalmente na pele, a repressão e a violência diretas. Muitas pessoas foram feridas e muitas outras foram presas. Um episódio abominável. Uma tentativa de forças maiores de calar o grito das ruas contra um conjunto de ataque aos direitos da população. O objetivo, contudo, não teve êxito. O ato seguinte, do dia 17 de junho, contou com quase 250 mil pessoas em São Paulo. Poucos dias depois, o governador e o prefeito de São Paulo, grandes inimigos na arena política, declararam, juntos, que o aumento de R\$ 0,20 estava revogado. Neste momento, houve uma inversão clara da posição incriminatória dos principais meios de comunicação e da opinião pública. A “meia dúzia” de vândalos se transformou em um movimento heróico na defesa de direitos. A ocupação de ruas, que antes “cerceava o direito de ir e vir”, passou a ser considerada um efetivo e legítimo método de luta contra as injustiças.

Em todo o Brasil, as manifestações de rua se tornaram parte do cotidiano das cidades. A vitória política concreta de 2013 abriu um horizonte de esperanças. O espírito das cidades se transformou e, junto com ele, as pessoas passaram a dar novos significados às lutas populares. Ficou claro que nada é impossível de mudar, mesmo diante das decisões arbitrárias e injustas de uma elite econômica e política.

A rua, para o bem ou para o mal, é a arena para a canalização de qualquer de-

manda e, a princípio, de qualquer grupo. A maioria das manifestações de 2015 foi contra o governo do PT e da presidenta reeleita Dilma Rousseff. Os grupos que integravam esses atos eram, em sua grande maioria, segundo uma pesquisa do Datafolha, de classe média, escolarizados e brancos. O mote pelo impeachment, articulado por traidores do próprio governo e pela oposição, que perdeu uma acirrada disputa democrática, ganhou força e novas adesões. Em dezembro, quando o então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (hoje preso por corrupção), acolheu o pedido de impeachment, as manifestações tiveram motivos concretos para continuar e se massificaram.

Depois de um breve trajeto pelas principais mobilizações de rua no Brasil, chegamos no ano de 2016. Muitos retrocessos, nacionais e internacionais, assolaram - e ainda assolam - o cotidiano das cidades e a vida das pessoas. Nos primeiros meses, as ruas foram espaços de disputas entre os favoráveis e os contrários ao impeachment. Em agosto, por fim, o Senado aprovou a cassação do mandato de Dilma. Um golpe parlamentar, com apoio popular nas ruas, foi consolidado. O vice-presidente, um dos principais mentores da articulação golpista, ascende ao poder promovendo uma agenda diferente daquela que ganhou a eleição presidencial de 2014. Sem diálogo e sem a participação popular, o governo ilegítimo iniciou uma série de medidas impopulares e antidemocráticas.

Se 2016, por um lado, foi marcado por grandes derrotas, por outro, podemos afirmar que foi um ano de reinvenção das formas de mobilização. A ocupação de escola, por exemplo, é um desdobramento das manifestações de ruas e uma reação ao retrocesso causado por ataques cada vez mais intensos. Iniciadas no final de 2015, as ocupações na região metropolitana e no interior do estado de São Paulo conseguiram reverter as medidas de reorganização escolar promovidas pela Secretaria Estadual de Educação e resultaram na exoneração do chefe da pasta. Assim como em junho de 2013, essa foi mais uma vitória concreta conquistada pela resistência dos estudantes secundaristas. As ocupações foram retomadas com força, em todo o país, em outubro de 2016, dias após a publicação da Medida Provisória nº. 746, referente à reforma arbitrária do Ensino Médio. Os estudantes secundaristas e universitários, desde então, estão em luta por diálogo, participação e contra uma medida que sucateará ainda mais o ensino público.

Se as cidades, segundo David Harvey, podem ser julgadas por aquilo que eu, você, nós e “eles” desejamos, as ruas, em um contexto de profundas desigualdades e de deficiências na participação política, são os espaços de conflito, efervescência e decisão contra um sistema cruel de reprodução de injustiças. São os espaços daqueles que buscam a liberdade da cidade - ou, nas próprias palavras de Harvey, “o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações”. Diante de tudo o que está acontecendo, o que mais me encanta é a mobilização histórica dos estudantes secundaristas. É um alívio para o sentimento angustiante de impotência frente aos recentes e profundos ataques promovidos contra o povo. Entre tantos retrocessos, temos um movimento para nos inspirar. É um sopro de esperança para um futuro temeroso.

Entre joelhos, divãs e políticos

Victória Damasceno

Pense com cuidado: de todas as partes do corpo humano, qual será a mais importante? Talvez o cérebro, o estômago ou o coração. Se me fizessem essa pergunta, responderia sem hesitar: os joelhos. Provavelmente é impossível viver sem o cérebro, o estômago ou o coração. E é aí que mora o problema, é completamente possível viver sem um ou dois joelhos. Mas a tarefa é laboriosa.

De todas as enfermidades possíveis, aquelas que afetam os joelhos são as mais impronunciáveis. Vão de condromalácia patelar a osteoartrose. Qualquer uma delas ou todas as outras existentes, são o suficiente para te impedir de viver uma vida saudável e sem maiores problemas.

O problema é quando falta.

Se um dia eles não estiverem lá e for preciso fazer uma oração, a cabeça não chegará ao pó. Mas Deus não se preocupa tanto assim se a limitação for verdadeira. Dizem que de joelhos, inclusive Malafaia e Feliciano são escutados. Mas o fato é que sem joelhos, não dá pra se ajoelhar.

E na ausência deles, até mesmo a velha política vai embora.

“Governo Temer está de joelhos frente a interesses estrangeiros”

“Proposta de PEC 55 colocará o país de joelhos”

“Cunha manda e governo Temer terá que se ajoelhar”

Se o atual presidente da República resolve se ajoelhar aos interesses das grandes empresas, talvez, ficar sem joelhos não seja um mau cenário. Mas a grande questão é que ele quer ter seus joelhos saudáveis, mas acabar com o do resto da população. Com o congelamento dos gastos na saúde pelos próximos 20 anos, por meio da PEC 55, “colocará o país de joelhos”. Experimente machucar os seus neste período pra você ver.

Quem fica de joelhos normalmente está por baixo. Mas convenhamos que, dependendo do interesse, compensa. Na proposta entreguista da presidência, é de se esperar que nosso governante empregue a política de estado mínimo e coloque nosso país submisso aos interesses das classes dominantes nacionais e internacionais. E, no fim, ele segue de joelhos para os interesses conservadores e nós, talvez sem querer - talvez não - para ele.

E em meio ao avanço neoliberal, conservador, ou qualquer outro nome que não traga referências ao campo progressista que assistimos, quem segue na submissão de ajoelhado é a esquerda. De joelhos, ou no divã. Se conseguir colocar ela toda num corpo e levar ao psicólogo ou psicanalista - psiquiatra quem sabe - talvez possa refletir a respeito de si. Quais foram os relacionamentos que me machucaram? Será que fiz alianças com quem não devia? Me perdi? Briguei com meus amigos leais? Talvez.

Uma coisa que o divã há de responder é o erro passado, da brincadeira de dar a mão para o presidente de hoje, e, sem querer, se ajoelhar perante dele.

Como num ciclo em que um dia um está de pé, e no outro os joelhos tocam ao pé, quem se dobra hoje é Michel Temer, à frente do projeto de país que congela orçamentos e que permite que um paciente fique dois anos na fila do SUS para realizar uma cirurgia em apenas um dos joelhos.

Tudo isso para uma simples recomendação: cuide bem dos seus joelhos. Na hora que faltarem, será pior do que isso pode expor. Acredite.

Relações Familiares

Giovana Salles

Este texto é dedicado para a querida Tia Sê.

Dentre todas as coisas que existem no mundo para que possamos recordar as pessoas queridas que se foram, muitas delas nós controlamos. As fotos dos bons momentos vividos ao lado de quem passou e dedicou horas da sua vida para estar conosco são a lembrança mais factível, segura e guardada por nós. Elas podem estar na cabeceira da sua cama, nas pastas do seu computador ou guardadas no fundo da gaveta, esperando serem encontradas em um momento de descuido seu. Também existem os pertences deixados, que antes eram apenas itens de decoração e agora se espalham por uma família aflita por guardar qualquer coisa que se possa tocar da pessoa que se foi. Há também as cartas, os presentes, as receitas e as manias. Lembranças que pintam um quadro bonito e saudoso de quem hoje faz falta. Mas, de todas as coisas que existem no mundo e em que nos agarramos para lembrar a pessoa amada, uma delas é a que mais intriga e conforta, é inesperada e não está em nenhum lugar, apesar de se encontrar por inteiro neles: o cheiro.

Há cheiros no mundo todo, em quase tudo que existe. Há cheiros que nem estão em coisas, eles simplesmente nos surpreendem quando entramos em uma loja ou quando estamos andando na rua. Parecem carregar as memórias exatas de acontecimentos que só existem no passado. São os cheiros dos móveis, do cabelo, do perfume, da comida sendo preparada. Você não escolhe qual será o cheiro que marcará aquela pessoa que se foi. Mas sabe que está sujeito a qualquer momento a se deparar com ele e inevitavelmente ser levado para lembranças que você não estava preparado para ter.

Algumas vezes, é verdade, o conforto do cheiro é tamanho que você anda pelas calçadas buscando, ansioso por ele. Afinal, não são como as fotografias, frias e estáticas. O cheiro está ali. Você só o sente porque ele existe, porque ele vive e te toca. E não é o que desejamos daqueles que se foram? O que não daríamos por um momento de vida e de toque? O que não nos esforçamos para gravar todos os traços da pessoa amada para que o tempo não deturpe nossa memória transformando-a em imaginação? Quanto tempo não passamos olhando para fotos tentando memorizar exatamente o momento em que aconteceu, o riso que surgiu e as conversas triviais que foram compartilhadas?

E mesmo com todos os esforços, o tempo tira de cada um de nós um pouco daqueles que se foram. Vai nos distanciando mais deles, mesmo que a vida nos leve para cada vez mais perto de quem se foi. Ainda que a lembrança falhe, confunda acontecimentos, não saiba dizer exatamente como era o tom da voz daquele que não fala há tempos, estamos todos a mercê dos cheiros. Estamos todos esperando pelo momento em que vamos entrar na loja de móveis e a mesa de madeira irá despertar em nós a lembrança exata. O toque, o acolhimento. Um momento de encontro e a certeza de que existem coisas que nunca se vão.

Comigo deus nunca falou

Natália Silva

Desde pequena, nunca gostei de igrejas. Minha lembrança era de um lugar no qual eu não podia falar o quanto e o que eu queria. Eu falava demais quando pequena e o silêncio católico me incomodava. Era ali também que minha mãe ficava mais quieta e introspectiva do que o normal, um tanto assustador.

Fiz catequese, comunguei algumas vezes, ajoelhei para rezar ao lado da minha mãe e me descobri descrente. A missa me dizia menos do que uma série complexa assistida pela metade, a hóstia era só um pão e eu nunca rezei. Comigo, deus nunca falou. Me sentia uma intrusa e, pouco a pouco, eu fui rompendo as correntes que me prendiam ali. A última delas foi a missa de natal, um evento familiar. No ano em que consegui não ir e não causei uma briga em casa, me senti livre.

Mas, dia desses, resolvi adentrar a casa sagrada mais uma vez. Eu estava na Sé, a catedral também e não achei má ideia dar uma olhada. Atravessei a praça, os moradores de rua, os bêbados que eu não sabia se estavam mortos, a escada, um pedinte que ganhou as moedas que eu tinha no bolso. Passada a porta, me senti em uma daquelas igrejas da Europa que nunca visitei. A arquitetura era imponente e, mais uma vez, assustadora. Decidi dar uma volta, sem o meu medo infantil.

No dia dessa visita, por uma ironia do destino, eu estava bastante inclinada a procurar ajuda divina. As velas eletrônicas, que brilhavam por uma hora em troca de R\$1, me lembraram porque não tinha recorrido ao deus católico. Deixei de lado meu desespero e sentei na segunda fileira ao lado de um amigo e uma amiga que me acompanhavam.

Dentro da igreja, a vida seguia normalmente. O faxineiro bastante entediado fazia o seu trabalho. Parou, chamou o segurança, ainda entediado. Um senhor muito velhinho dormia na sexta fileira. Debaixo dele, dormia (ou acordava?) uma poça de urina. A julgar pela quantidade de velhinhos muito velhinhos dormindo e pelo tédio do faxineiro, agora acompanhado pela segurança, a situação é cotidiana. O senhor, com ajuda dos funcionários, mudou de lugar, mas não de fileira. O banco, levemente empurrado, expôs a poça. O faxineiro posicionou a placa de “piso molhado” e seguiu varrendo o corredor. O velhinho adormeceu novamente.

Sáímos. Eu, minha amiga e meu amigo, em silêncio. Até que um estranho invadissem nosso caminho com uma pergunta qualquer, não trocamos uma palavra. Entendi então o silêncio. O meu, o deles, o da minha mãe. A miséria humana, espalhada pelos cantos e meios da praça da Sé, mora também na casa sagrada. Na vela eletrônica, no tédio, no banco levemente empurrado.

Catarina Silva Ferreira

Admiro muito as respostas que as crianças têm para assuntos “de gente grande”. Desprovidos de imaginação e inocência, muitas vezes nós perdemos horas e horas pensando em justificativas e argumentos, geralmente sem chegar a nenhuma conclusão. Então, eu que passo muitas tardes como babá dos meus sobrinhos, gosto de observar suas brincadeiras e com frequência me surpreendo. A última que ouvi, e que ainda não me saiu da cabeça, foi a seguinte:

- Livia, vamos brincar de posto de saúde? Eu posso ser a pessoa que dá vacinas.
- Vamos! Mas vacina de quê?
- Vacina de dengue.
- O que é dengue?
- É aquela doença que o mosquito te pica e você morre.
- Mas eu não tenho isso.
- Mas você precisa tomar, porque as mulheres grávidas tomam.
- Mas eu não tô grávida!
- Tá sim! De mentirinha só.
- Mas eu não quero esse bebê, vou jogar fora!

Diante disso, decidi perguntar à minha prima:

- Livia, mas tudo bem você tirar o bebê se não quiser?
- Tudo bem, porque eu não quero mesmo, não vou cuidar.

E, logo depois, com a maior naturalidade do mundo, eles deixaram de lado a brincadeira sobre o posto de saúde e começaram a rir e correr em círculos, como só as crianças conseguem fazer. O Guilherme, meu sobrinho, mantinha na mão uma peça de Lego, e quando o questionei sobre o que era, ele me respondeu “Uma injeção, tia, o que mais seria? Eu trabalho no posto, lembra?”.

Até quando essa inocência vai durar e para onde ela vai quando nos tornamos adultos? Quando falo a respeito do ocorrido a outras pessoas, elas se surpreendem com as respostas tanto quanto eu, afinal dengue e aborto não são coisas que você espera que surjam em brincadeiras de crianças de seis anos. Mas logo após o final do diálogo, os adultos desprovidos de inocência e imaginação rebatem a situação com a seguinte frase “É só coisa de criança. Eles vão entender mais para frente”.

A (in)utilidade da velhice

Amanda Panteri

Domingo, hora do almoço. Ignorando todo o barulho que só uma reunião de família tipicamente italiana é capaz de fazer, minha tia-avó, já meio surda por causa da idade, tenta colocar seus óculos de sol com grau. É uma cena tão extraordinariamente fofa que não consigo deixar de assistir.

- Mas por que a senhora quer esconder esses olhos lindos, tia?

Ela me olha. Pelo jeito meio sem graça do sorriso, consigo perceber que não entendeu. Como não houve um pedido, resolvo disfarçar e evito repetir a pergunta, porém continuo lá, do lado dela. A nossa comunicação se resume então em prestar atenção no que os outros parentes falam e trocar alguns olhares de vez em quando.

Para quebrar o gelo, ela pergunta se era o meu aniversário o que estávamos comemorando.

- Na verdade não, tia. Meu aniversário é só na terça-feira.

- Jura?! Mas que legal, minha filha. Que você tenha tudo de bom nesse dia tão especial para você.

Deixei-a me desejar tudo o que queria por aproximadamente mais um minuto. Não valia a pena desmentir e explicar que seus ouvidos, já falhos devido aos muitos anos suportando a gritaria italiana, haviam a enganado.

Com 80 anos, a senhorinha de nome Angélica foi a única que sobrou das três irmãs. Seu pai, um europeu bastante rígido que não admitia conversas em português dentro de casa, havia se mudado para cá quando adolescente, e sua mãe morrido antes mesmo de conhecer o primeiro neto.

O resto da tarde se passou praticamente do mesmo jeito: ela no cantinho da sala e eu só observando. Seu olhar variava do perdido ao cansado com bastante frequência, e durante todo o tempo que ficamos lá, as perguntas dirigidas a ela se resumiram basicamente a questões sobre sua saúde. Ninguém perguntou o que ela achava do cenário político atual no Brasil, por exemplo, e muito menos quais eram seus planos para o futuro. Como se ela não pensasse sobre todas essas coisas também.

O acontecimento, apesar de comum e aparentemente inofensivo, me fez refletir e lembrar uma conversa que tive há algum tempo.

Certa vez, em um encontro com uma professora da Escola de Enfermagem da USP, eu tentava entender o porquê da sexualidade das pessoas com mais de 60 anos ser abordada com tanto receio. A professora me explicou que essa era uma questão que não envolvia somente o transar, mas também o viver do indivíduo. E até que o raciocínio faz sentido: ninguém pergunta para o velho se ele pratica ato sexual regularmente, do mesmo modo que não perguntam se ele possui desejos, ambições ou qualquer outra dessas coisas reservadas somente aos “jovens”.

A falta de comunicação entre as gerações pode representar um grande problema. É preciso encarar os fatos e prestar mais atenção ao que os mais experientes andam fazendo: pesquisas indicam que aproximadamente 87,1% dos homens nessa faixa etária e mais de 50% das mulheres com o mesmo perfil se declaram sexualmente ativos no país. Além disso, eles viajam, e muito - 32,9% o fazem de duas a três vezes por ano, segundo estudo realizado pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Alguns trabalham mais que a média da população em geral, enquanto outros chegam a sustentar uma família inteira.

O brasileiro está envelhecendo. Continuar a tratar quem já passou de certa idade como um “peso morto” é se fazer valer da lógica de um sistema que está ficando ultrapassado e só credita valor para quem ainda produz.

João Victor Cardoso de Souza

Dia desses, fui embora da faculdade após a aula noturna e me peguei pensando sobre a relação que tenho com a minha mãe. Eu sempre achei que a minha relação com dona Edilaine era a mais ideal do mundo, tão perfeita que parecia até utópica, irreal. Até que um amigo meu me contou que começou a agendar sessões com uma psicóloga exatamente pelo tipo de relação que ele tinha com os pais dele, e que todo ser humano é definido pelo vínculo construído entre ele e seus pais. Uma afirmação bem Freudiana, caso permitam-me julgar.

Aquilo não saiu da minha cabeça, enquanto eu dirigia pelas Marginais ouvindo uma playlist no Spotify dependendo do que o aleatório tocasse para mim. Sinceramente? Eu estava me sentindo bem cego por não ter percebido isso antes.

Meus pais se separaram quando eu tinha oito anos; até hoje me lembro da última briga deles, mas não é algo que me incomode conscientemente. Desde então, muitas coisas aconteceram (o alcoolismo e o afastamento do meu pai, a morte da minha avó materna, a independência dos meus tios mais novos, o segundo casamento da minha mãe com meu atual padrasto, o meu ingresso na faculdade e no mercado de trabalho), porém sempre observei que a minha vida girava em torno da minha mãe e vice-versa. Para mim, era ótimo: ela é a minha melhor amiga. Não tem nada que eu não conte para ela. Chamo-a de “mamãe”. Só que depois dessa conversa, eu comecei a questionar tudo isso.

Seria realmente necessário ter uma proximidade tão grande assim? Todos os dias eu sou obrigado a falar com ela no meio do dia, mesmo se eu estiver atolado de coisas para fazer no trabalho ou na faculdade. A alternativa? Cara feia e xingamentos por uns três dias. Discordei dela em opiniões políticas? A alternativa é a mesma. Saí o fim de semana inteiro? Não arrumei o quarto? Ela está de TPM? (Sim, por mais sexista que isso possa parecer, ela sempre justifica grande parte das mudanças comportamentais radicais e grosseiras dela à tensão pré-menstrual... mas quem sou eu para julgar isso, certo?) A alternativa é a mesma. Se ela está insegura com algo, seja em relação ao seu peso, à sua beleza, ao seu trabalho? É o inferno na Terra. E por mais insuportável que o clima em casa possa parecer em alguns dias, não tenho como escapar disso, muito menos como condená-la por ter me prendido à ela durante duas décadas da minha existência.

Ela teve infância e adolescência muito parecidas com a minha. Numa casa governada por um pai machista e abusivo, e com três irmãos de idades e opiniões distintas, ela acabou ficando próxima da única pessoa possível naquele ambiente: a minha avó, Carmen. E a relação delas não poderia ser mais turbulenta, porque, convenhamos, mamãe era ainda mais complicada durante a sua juventude. Os surtos violentos eram mais comuns, variando desde frequentes brigas entre familiares até tentativas de assassinato, ocorrências cujas quais ela ri com gosto hoje em dia. Não é normal falar sobre isso aqui, eu sei, mas eu também dou risada. Eu tentei não culpá-la pelo condicionamento sufocante durante a minha volta para casa, mas não deu muito certo.

Senti muita raiva. Pensei na infinidade de momentos que eu poderia ter perdido só porque ela não me deixou sair de casa antes dos 17, ou na intimidade que eu poderia ter construído com pessoas diferentes - amigos, paixonites ou até mesmo estranhos -, e não apenas com ela durante tanto tempo. Eu pareço muito fútil por reclamar da minha vida. Não deixo de reconhecer o quão abençoado e grato eu sou por ter a minha mãe na minha vida, sendo superprotetora, presente e atenciosa em todos os momentos possíveis, porém sempre há uma coisinha ou outra de

que reclamar, e eu claramente não estava em um dia bom até aquele momento.

E durou até a minha chegada em casa. Ela abriu o portão por volta das 23h, pois já era bem tarde da noite e o bairro é meio perigoso. Enquanto eu estacionava, ela fechou o portão. Bastou eu sair do carro, ver o meu cachorro pulando em mim e deitar na cama com a minha mãe para falar sobre a vida por meia hora antes de dormir, que eu notei a falta que ela faz na minha rotina, e que todos esses pequenos grandes problemas, no fim das contas - ou, ao menos, no final do dia - não importam nem um pouco. Eu só não sei dizer se eu gostaria que fosse diferente. Mas o que seria a liberdade senão uma prisão condicional perpétua e almejada?

Crônica para não acontecer

Para Lucas Ambrosio

Mariana Gonçalves

Haverá um dia, eu tenho certeza, em que voltarei a abrir a janela.

Mas só porque, desde bem nova, nos fins de tarde, era essa a rotina. A janela é sempre boa, clara, sem o tédio dos móveis antigos e marrons da casa, aqui no deserto do ABC Paulista. Diariamente, voltarei a encarar a mesma árvore, meio verde, meio laranja, o murinho torto que separa o quintal da calçada, a rua de asfalto brilhante e as senhoras carregando as compras da feira. Nesse dia, no entanto — o dia em que voltarei a abrir a janela —, imagino que haverá também algo como a figura de um cão, no miolo da rua, latindo consigo, atrapalhando a visão rotineira.

Os vizinhos já terão tentado contê-lo, terão oferecido ajuda, mas o cão certamente reagirá. “Quer ficar sozinho”, dirá um passante. Não será esse o caso, como tornarei a saber logo adiante. Assim, me conhecendo, me imagino já pensando no que será isso, essa força imaterial discutindo com o cachorro. Poderá ser um antigo tutor, um parente estrangeiro, poderá ser Deus, um pedido de socorro. Se fosse noutros tempos, chamaria Luciano para observar junto. Era sempre eu quem mostrava aquele tipo de cena para aquele tipo de homem, cheio de segredos e raivas do mundo. Afinal, coitado, era sozinho desde cedo. Tinha crescido em São Paulo, aquele campo de dor, desamparo. Não por menos que terminara daquele jeito — triste, fechado, trabalhando doze horas por dia. Ele apontava, em 2014, a música do Caetano e dizia:

- Sou eu mesmo, ó, escuta o que ele tá cantando.
- Você? Mas, Luciano, isso é tão triste...
- Por acaso alguém disse que não era pra ser triste?

Nos tempos em que eu era ingênua, imploraria para Luciano tomar um ar fresco, visitar a praça, falar coisa pra quem soubesse ouvi-lo e pronto. Nem que fosse pouco, sabem? Alguma coisa teria de ocupá-lo. Sempre haveria, depois, o tempo de chamá-lo, arrependida, é claro, apontando de novo para o cão preto, parecido com um dos que ele tinha. “Diz o que você acha. Agora te ouço”, insistiria. Mais algumas palavras manhosas, que imagino que eu poderia dizer — e Luciano começaria a perceber como era capaz de se encantar, mesmo que tímido, pela figura estranha que latia ao redor. Na manhã seguinte, aos poucos, eu poderia prever, ele acordaria um tiquinho melhor.

No dia em que voltarei a abrir a janela, espero que seja como uma dessas manhãs em que acordávamos ao mesmo tempo para ver, ali fora, o asfalto e as senhoras vindo da feira, os problemas de lado. Era naquelas ocasiões em que Luciano parecia mais nítido, leve, grato — e quase não passava a impressão de que estava prestes a ir embora, numa manhã em que janela nenhuma mais poderia ser aberta. E será um tempo em que serei mole, um tempo em que serei dura, porque assim será a partir de então. Uma mulher muito viúva, imagino, e todos do bairro saberão.

Ainda no mesmo dia, desejo também que surja um cachorro grande, que uive alto, uive preto, uive e só, chamando a atenção de toda a cidade. E que me faça pensar, como nunca pensei antes, que esteja, de fato, tentando falar para divindades. Pela primeira vez, imagino, vou tentar algum sinal, segurar o choro, parecer direita — só para que me venham, para que me digam, em meio àquilo que mal concebo, como passa o corpo jovem de Luciano (apesar das dores, apesar da falta, apesar dos anos).

Tecnologia

Esqueci... e agora?

José Paulo Mendes

O despertador do celular toca. Olho a tela. São 6h30 da manhã. É o começo de mais um dia. Antes mesmo de me levantar, resolvo dar uma olhada pelo Facebook, WhatsApp, jogar um pouco, ver a conta do banco, as tarefas do dia. Só paro quando vejo que são 7h e preciso tomar banho e trocar de roupa para sair. Faço tudo em apenas alguns minutos, muito menos de que havia gasto no smartphone.

Às 7h40 em ponto deixo a casa, vejo no relógio da cozinha. Sorte minha, dará para chegar 8h no metrô. Conseguirei ir no trem vazio que chega pontualmente nesse horário. Dirijo-me até o ponto e quando dobro a esquina vejo o ônibus a ponto de chegar na parada. Corro e embarco em um veículo vazio, no qual sento logo após passar a catraca. Vou pegar o celular para ver as horas... para minha surpresa ele não está lá. Esqueci o celular?

Abro a mochila. Procuro o celular em cada bolso e em cada buraco dentro dela. Não há nenhum sinal do aparelho. Conforme o ônibus vai chegando perto do metrô, vou pensando se vale ou não a pena retornar para casa e pegá-lo. Há quanto tempo não saio de casa sem ele? Já é quase um apêndice do meu corpo. Apêndice não. O apêndice pode ser descartado. Enfim, o que faço? Acho que dá para ficar um dia sem smartphone, passamos tanto tempo sem essa dependência. O que vai ser um dia a mais?

Desço do ônibus aceitando o destino. Não usarei o celular durante o dia inteiro. Tomo café no metrô. Uma média e um pão na chapa. Esqueço por um momento da ausência do aparelho. Passo na banca de jornal e me recordo de que não teria o que ler no metrô. Vejo um jornal. Aquele que é de esportes. Não tenho paciência para ler notícia-notícia no trem. Olho o relógio. São quase 8h. Desisto da compra e corro para a plataforma.

Chego a tempo de pegar o metrô vazio. Percebo que não há o que fazer. Pegar um livro está fora de cogitação. Não há espaço. Ainda bem que deixei de comprar o jornal. É incrível: mesmo pegando o trem vazio, na estação seguinte ele já não está mais assim. Daí! Poderia colocar isso no Twitter se ao menos tivesse com o celular em mãos. Como eu fazia antes para passar o tempo no metrô?

Vamos pensar na vida. Tá complicado, né? Tem isso, aquilo, mais essas coisas. Quase esquecia dessa outra. Já estamos na República? Até que foi rápido. Será que vai ser assim até o Butantã? Deve ser, tem poucas estações na linha amarela. Aliás, quando será que ela vai ficar realmente pronta? Queria saber. Vai que ela fica maior antes de eu me formar. Risos. Até parece que há chance disso acontecer. Olha só! Chegamos no Butantã. Foi rápido.

Nesse ritmo vou chegar rápido no trabalho. Tô até surpreso. Já cheguei. Devo entrar até antes do horário. Será que a máquina está certa? É, parece que me confundi. O metrô deve ter atrasado em algum momento do começo da viagem. Essa parte final passou muito rápido. Enfim, agora que eu tenho computador, posso navegar na internet e me atualizar das informações.

Não ter o celular para ver os e-mails faz bastante falta. Nem WhatsApp Web tô conseguindo usar. Vamos conversar com as pessoas no Facebook. Pera aí. Chegou pauta. Vamos fazer logo. Tem que aproveitar o tempo para falar com as pessoas. Até que o texto saiu rápido sem ter celular para atrapalhar. Mas a fonte respondeu rápido. Não deve ter relação com estar ou não com o aparelho. Vamos dar uma

olhada no Facebook, então.

Nossa! Demorei muito mais do que imaginava. Enfim, vamos comer alguma coisa que a aula é daqui a pouco. Preciso passar no cartão, mas será que tem dinheiro no débito? Queria ter como ver. É. Vamos na sorte mesmo. Passou! Que bom! Vou comer logo porque daqui pouco é a aula.

É muito ruim ter ansiedade e só ter a aula para focar. Bora tomar um café? É. Isso deu uma sobrevida. Que café bom! Vamos ver se a aula melhora agora. O que esse cara tá falando faz muito sentido. Muito mais do que estava imaginando. Acho que vou começar a prestar mais atenção. Mas a aula já acabou? Esse dia passou rápido mesmo. Vamos encontrar todo mundo e ir embora.

Esse dia sem celular foi interessante. Sinto que aproveitei mais as coisas. O tempo passou de uma forma diferente. Consegui conversar com muita gente e mesmo assim não foi um grande período. Vou tentar começar a usar menos o celular. Conversar mais com as pessoas que estão comigo no momento. Aproveitá-las. Minha mãe deve estar preocupada. Quase não mandei notícias hoje. Mas não estou voltando tarde. Acho que tudo bem.

O dia foi bom, mãe. — Foi sim, vô. Só esqueci o celular, mas até que nem senti muita falta. Acredita?... Aliás, onde ele está? Vou mexer um pouquinho. Ver o que não vi hoje.

Lá se foi uma hora. É. Não dá para fazer essas mudanças de forma tão radical, mas vou tentar reduzir. Vou me dar mais 20 minutos de sono amanhã!

A rebelião das máquinas

João Paulo Almeida

Recentemente acessei minha rede social, a mais disseminada de todas, e estava lá “Parabéns pelos seus dez anos de conta!” Soou bem falso, e foi visivelmente fabricado por um robô, uma vez que esse site nunca falou comigo. Além disso, eu só tenho a conta há dois anos, afinal é muito melhor ter e usar às vezes do que ver aquela expressão das pessoas inconformadas que você não tem uma conta. Ou que você esconde algo.

Quando estava na escola, no primário, era pré-internet, um professor perguntou “Os computadores pensam?”. Eu prontamente escrevi que não, mas alguns colegas ficaram na dúvida. Não, eles não pensam, disse o professor. Mas hoje, de certa forma eu me perguntei isso. Mesmo que eu saiba que foi alguma mente humana quem programou, em algum momento, a mensagem automática da rede, a autonomia que as máquinas ganham a cada dia é intrigante. Intrigante porque é cada vez mais invisível. Quando falamos: “Já vou almoçar, só estou esperando acabar de salvar”, é a máquina delimitando o tempo do homem. Mal posso escrever um artigo em um software feito para isso, um editor de texto, e muitas palavras são sublinhadas, automaticamente destacadas ou corrigidas porque ele simplesmente quis. Mudou e pronto, e você que aceite. Mesmo que você vasculhe o programa para alterar as configurações, sempre há um resquício para te lembrar do que é certo, para ele. Se estiver em português, abra um documento em inglês e pronto, já estará tudo sublinhado e errado. Escreva um sobrenome diferente, menos usual, ou a palavra educação, que você será alertado. Antes o computador vinha com um manual que dizia: “Para uso somente com um computador novo.” Era praticamente um livro, pesado e em preto e branco. Imagino que ninguém lia pois o barato era explorar o computador novo por conta. Hoje, ao comprar dispositivos mais novos, nem um CD vem junto, quanto mais um manual indesejável. Ao ligar, você já é orientado para todas as supostas maravilhas. Não há opção, você deve ligar, deve se cadastrar, comece fazendo isto e aquilo, e esteja online necessariamente. Se estiver no seu sítio ou na praia, que só tem a linha telefônica, é quase certo que nada funcione ao abrir tudo pela primeira vez. E quando lembro que estas mesmas empresas também fazem smartphones e celulares, presentes em incontáveis bolsos, vejo como essa estratégia é eficiente.

O sistema operacional dos anos 90 passou a sofrer bullying pela fama de sempre mandar mensagens de confirmação ao usuário, que outros sistemas depois tentaram amenizar: “Tem certeza que deseja salvar? Sim, Não, OK, Cancelar”. Contudo, parece que este estava no caminho certo nessa fórmula de controle. A diferença é que hoje as máquinas tentam ter maior empatia “OK, Entendi!”, “Got it!” diz o webmail obrigando você a clicar em alguma novidade. Depois, se acontecer algo, a culpa não é dele pois você disse que entendeu. E ainda ficou com a frase no inconsciente, “entendi”, como se tivesse conversado com uma pessoa ao invés de um clique qualquer em um momento de pressa ou desinteresse. Fato é, que acredito que as pessoas têm gostado disso, não é necessário pensar, é só seguir. Perceber e pensar é para os cricás. Se a internet agora integra todas as suas contas, do trabalho, pessoal, dos vídeos, mapas e etc, que ótimo então! Por que eu gostaria de ter uma conta de vídeo daquele jeito ou usar os mapas com aquele outro usuário das antigas ? Que nada, ele está certo, vamos confluir tudo

mesmo, afinal, se não o fizer, será “errado” e “muito mais difícil”. Assim, as pessoas acreditam na bondade das máquinas, até desconfiam, mas não ligam para suas segundas intenções.

Então caímos na famigerada discussão da privacidade, da troca de dados, venda de cadastros, anúncios específicos e eu me pergunto: qual a novidade ? Por que as pessoas acham tão diferente de fazer uma compra na década de 80, em cheque, e receber nas semanas seguintes inúmeros catálogos sem fim do mesmo ramo ? Ou, que em plena Guerra Fria, com o mundo na suposta iminência de explodir, aqueles dois países não vasculhavam e pegavam dados de quem quisessem ? Podemos até falar dos nacionais socialistas da 2ª Grande Guerra que buscavam os israelitas e seus tesouros, só que aqui em praça pública, em plena luz do dia. Vou escrever germany só para ter o prazer de ver a máquina sublinhar e dizer que estou errado. E ainda em letra minúscula. Ou que tal a palavra - minúscula - sem acento ? Tentei! Saiu com acento, não é mesmo? Claro, minha grande amiga aqui corrigiu para me ajudar, afinal não poderia terminar o texto com um erro grave e incompreensível e inadmissível! Quem sabe ela gere um vídeo depois no Natal para me lembrar desse momento marcante também!



Morte

Natasha Firme

O despertador toca. 07h00. Nem me movo na cama apegada na ilusão do “só mais cinco minutinhos”. 08h00. E assim, inicio mais um novo dia atrasada. Levanto em um pulo, visto a primeira roupa que eu vejo, junto a maquiagem que está em cima da mesa para me arrumar no carro, pego duas bananas na cozinha e saio. Vou para a Marginal e... trânsito, é claro. Chego correndo no banco, jogo minhas coisas na mesa e ligo o computador para ficar as próximas oito horas do dia olhando para o monitor.

Entre uma planilha e outra decido checar o celular para ver se tinha recebido alguma mensagem. Na tela, vejo uma notificação da minha mãe, provavelmente reclamando que sai de casa sem tomar café da manhã. Abro e me deparo com a seguinte frase:

- Seu tio está na UTI.

Estranho. UTI? Mas eu não tinha nenhum parente doente ou algo do tipo. Na mensagem seguinte ela explica:

- Seu tio de Guarulhos estava limpando o telhado da casa e caiu, foi para o hospital e está em coma.

Assim. De repente.

Sétimo em uma família de oito irmãos, na qual a minha mãe é a caçula, esse era um dos meus tios mais jovens. Professor de matemática, casado, tem duas filhas, não bebe e nem fuma, mas bastou um instante, um passo não tão bem calculado para ficar entre a vida e a morte. Não foi necessária uma doença agressiva ou um assalto mal sucedido como vemos nos noticiários, nem mesmo estar em um local muito perigoso foi preciso, bastou apenas realizar uma atividade cotidiana sem o cuidado necessário para tudo acontecer.

E poderia ser qualquer um, um colega de trabalho, um amigo de infância, eu, você, qualquer um. Por algum motivo, achamos que todos ao nosso redor, inclusive nós mesmos, nos encontramos em uma espécie de redoma protegidos de todo o mal e só em situações como essa nos damos conta do quanto a vida é frágil. Hoje de manhã mesmo, sai correndo de casa e nem dei tchau para o meu irmão, será que eu teria a oportunidade de fazer isso amanhã? Bato na madeira da mesa três vezes, por via das dúvidas. Já estava difícil de digerir tudo o que estava acontecendo.

Decido sair mais cedo do trabalho. Sim, eu sei, cheguei atrasada de manhã e ainda tenho muitos relatórios para entregar nesta semana. A minha consciência não deixa eu esquecer disso, mas meu computador continuaria ali na mesma posição amanhã, assim como todas as planilhas que eu preciso para os meus trabalhos. Algo que infelizmente não posso dizer das pessoas e eu não queria ter que esperar mais uma nova tragédia para ter certeza disso.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1960
- COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2002.
- ERBOLATO, Mario. Técnicas de codificação em jornalismo. São Paulo: Ática, 2004
- FILHO, Ciro Marcondes. Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002.
- GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- LAGE, Nilson. A estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. Linguagem Jornalística. São Paulo: Ática, 1993.
- MARTINS, Eduardo (org.). Manual de redação e estilo: O Estado de S. Paulo. São Paulo: Moderna, 2000. On line: www.estadao.com.br/manu-alredacao
- MELO, José Marques (org). Gêneros Jornalísticos no Brasil. SBC: Umesp, 2010.
- _____. Jornalismo Opinativo. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/62191117/Jose-Marques-de-Melo-Jornalismo-Opinativo-Capitulo-IV>. Acesso em 10 abr 16.
- PENA, Felipe. Teorias do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2009.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In. Estudos Históricos, n. 31, 2003. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV
- SODRÉ, Muniz. A Narração do Fato. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SEIXAS, Lia. Redefinindo os gêneros jornalísticos. Labcom Ebooks, 2009.
- SOUSA, Jorge Pedro. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Chapecó: Argos, 2006.

